

**UNIVERSIDADE DE LISBOA**  
**FACULDADE DE PSICOLOGIA**



**RELIGIOSIDADE INTRÍNSECA E EXTRÍNSECA:  
IMPLICAÇÕES NO BEM-ESTAR PSICOLÓGICO DE  
ADULTOS SENIORES**

**Francisco Maria de Sousa Rodrigues**

**MESTRADO INTEGRADO EM PSICOLOGIA**  
**(Secção de Psicologia Clínica e da Saúde/ Núcleo de Psicologia Clínica**  
**Dinâmica)**

**2010**

**UNIVERSIDADE DE LISBOA**  
**FACULDADE DE PSICOLOGIA**



**RELIGIOSIDADE INTRÍNSECA E EXTRÍNSECA:  
IMPLICAÇÕES NO BEM-ESTAR PSICOLÓGICO DE  
ADULTOS SÉNIORES**

**Francisco Maria de Sousa Rodrigues**

**Dissertação Orientada pela Prof. Doutora Maria Eugénia Duarte Silva**

**MESTRADO INTEGRADO EM PSICOLOGIA**  
**(Secção de Psicologia Clínica e da Saúde/ Núcleo de Psicologia Clínica**  
**Dinâmica)**

**2010**

## **Agradecimentos:**

Agradeço, muito especialmente, em primeiro lugar à Professora Doutora Maria Eugénia Duarte Silva, todo o seu empenho e apoio, especialmente em momentos críticos da realização deste trabalho, oferecendo toda a sua experiência e toda a sua bagagem científica e, sem esquecer, a sua disponibilidade constante.

Um agradecimento às pessoas que devo agradecer todos os dias, a minha mãe e o meu pai, com todo o seu amor, com todos os seus esforços, com todo o caminhar conjunto para a descoberta do melhor de nós.

À minha família alargada, especialmente à minha tia Fátima.

A todos os amigos e amigas que colaboraram neste trabalho, especialmente ao Grupo de Oração do Renovamento Carismático Católico – Chama de Amor B, Paróquia de Nossa Senhora do Pópulo – Caldas da Rainha, também por estes 9 anos de caminhada conjunta. Às amigas Maria do Carmo e Maria Teresa, pela sua contribuição para a amostra deste trabalho. Recordo também com saudade a amiga, mais que isso, verdadeira avó, Ilda (1927-2010) que colaborou com este trabalho.

Às minhas amigos/as e colegas, em especial, as amigas com quem partilhei(arei) momentos verdadeiramente especiais e inesquecíveis, Lia, Ana e Lurdes (M.D.L. Marques). Também aos meus colegas e amigos/as de estágio nomeadamente à Sofia, Diana, Lúcia e Bruna.

E não menos especial, um agradecimento à Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa, pela formação proporcionada e todo o seu contributo para a Psicologia em Portugal e no mundo.

## **Resumo**

O presente estudo tem como objectivo estudar a relação entre dimensões de experiência religiosa (Intrínseca, Extrínseca Pessoal e Extrínseca Social) e dimensões do Bem-Estar Psicológico com amostra senior (60 ou mais anos de idade).

A religiosidade foi operacionalizada com a *Escala de Orientação Religiosa-R* (Gorsuch & McPherson, 1989) e o Bem-Estar Psicológico com os oito primeiros itens das Escalas de Bem-Estar Psicológico (Ryff, 1989).

A amostra é composta por 34 participantes, dos quais 25 são do sexo feminino e 9 do sexo masculino, com idades situadas entre os 60 e os 88 anos

Os resultados não evidenciam correlações significativas entre a Religiosidade Intrínseca e uma maior aceitação da vida passada, entre a Religiosidade Intrínseca e uma maior autonomia na expressão das suas opiniões, nem entre a Religiosidade Extrínseca Social e uma percepção mais positiva da avaliação da forma como são avaliados nas suas relações sociais.

Não foram evidenciadas diferenças significativas de género nem etárias no que diz respeito à vivência de cada uma das três dimensões de religiosidade, no entanto destaque-se uma participação diferente entre homens e mulheres em cultos religiosos, sendo as mulheres as que mais participam.

Palavras-chave: religiosidade, religião, bem-estar psicológico, envelhecimento, gerontologia

**Abstract:**

This study aims to relate religiousness and its Intrinsic, Extrinsic Personal and Extrinsic Social dimensions with dimensions of Psychological Well Being in a sample of senior adults (60 and more years old).

The religiousness had been assessed with '*Age Universal*' *I/E-R Scale* (Gorsuch & McPherson, 1989) and the Psychological Well Being assessed with the first eight items of the *Psychological Well-Being Scales* (Ryff, 1989).

The sample consisted of 34 participants, 25 women and 9 men, aged from 60 to 88 years.

The results do not reveal any significant correlation between Intrinsic Religiousness and a better acceptance of past life, between Intrinsic Religiousness and higher autonomy, expressing personal opinions, and between Extrinsic Social and more positive perceptions of the way one feels evaluated by others in social relationships.

There were no significant differences in what concerns gender or age in any of the dimensions of religiousness, however there was a significant difference between men and women as far as the participation in religious cults was concerned, with women being more participative.

Keywords: religiousness, religion, psychological well being, ageing, gerontology.

## **Índice:**

Introdução	<b>1</b>
Capítulo 1 – Revisão de Literatura e Linhas Gerais do Presente Trabalho	<b>4</b>
1.1 – Religiosidade e Espiritualidade: Evolução dos conceitos enquanto objectos de estudo	<b>4</b>
1.2 – O Bem Estar: Hedionia e Eudaimonia	<b>8</b>
1.3 – O Bem Estar Psicológico e o Envelhecimento	<b>13</b>
1.4 – A Religiosidade, O Bem-Estar Psicológico e o Envelhecimento	<b>15</b>
1.5 – A Religiosidade em Portugal	<b>19</b>
1.6 – Linhas Gerais do Presente Trabalho e Hipóteses	<b>21</b>
Capítulo 2 – Método	<b>23</b>
2.1 – Participantes	<b>23</b>
2.2 – Instrumentos	<b>26</b>
2.3 – Procedimentos	<b>32</b>
2.4 – Análise Estatística	<b>33</b>
Capítulo 3 – Resultados	<b>34</b>
3.1 – Hipótese 1: Espera-se que os participantes com maior Religiosidade Intrínseca aceitem melhor a sua vida passada	<b>34</b>

3.2 – Hipótese 2: Espera-se que os participantes com maior Religiosidade Intrínseca sejam mais autónomos na expressão das suas opiniões	<b>34</b>
3.3 – Hipótese 3: Espera-se que os participantes com maior religiosidade Extrínseca Social tenham uma percepção mais positiva da forma como são avaliados nas relações sociais	<b>35</b>
3.4 – Hipótese 4: Espera-se que homens e mulheres vivam as suas experiências religiosas (Intrínseca, Extrínseca Pessoal e Extrínseca Social) de forma diferente	<b>36</b>
3.5 – Hipótese 5: Espera-se que homens e mulheres tenham uma participação distinta nos cultos religiosos	<b>37</b>
3.6 – Hipótese 6: Espera-se que a magnitude das experiências religiosas se associe à idade	<b>38</b>
Capítulo 4 – Discussão dos Resultados	<b>39</b>
4.1 – Relação entre as dimensões de Religiosidade e indicadores de Bem-Estar Psicológico	<b>39</b>
4.2 – A experiência religiosa, o Sexo e a Idade	<b>41</b>
Capítulo 5 – Conclusões, Limitações e Implicações	<b>43</b>
Bibliografia	<b>46</b>
Anexos	<b>51</b>

## **Índice de Quadros**

Quadro 1 – Distribuição da amostra por género e idade (em anos)	<b>23</b>
Quadro 2 – Características socio-demográficas da amostra	<b>23</b>
Quadro 3 – Caracterização da experiência religiosa da amostra	<b>25</b>
Quadro 4: Valores de correlação de Spearman (bivariada) para itens da Escala de Bem Estar Psicológico e dimensões de Religiosidade	<b>35</b>
Quadro 5 – Média das Ordens e Soma das Ordens do teste de Mann-Whitney, por Sexo, para as dimensões de experiência Religiosa	<b>37</b>
Quadro 6 – Tabela de frequências cruzadas para as categorias Sexo e Participação em Cultos Religiosos	<b>38</b>
Quadro 7 – Valores de correlação de Spearman (bivariada) para a idade e dimensões de Religiosidade	<b>38</b>

## **Índice de Anexos:**

A – Consentimento Informado	<b>54</b>
B – Questionário sócio-demográfico	<b>55</b>
C – <i>Outputs</i> SPSS	<b>59</b>
1 – Estatística Descritiva: Idade e Sexo	<b>59</b>
2 – Frequências: Dados Sócio-Demográficos	<b>60</b>
3 – Frequências: Experiência Religiosa (Questionário Sócio-Demográfico)	<b>63</b>
4 – Estatística Descritiva: Escala de Orientação Religiosa-R, I/E-R	<b>68</b>
5 – Consistência Interna (coeficiente alfa): Escala de Orientação Religiosa-R, I/E-R (ítems)	<b>69</b>
6 – Consistência Interna (coeficiente alfa): Escala de Orientação Religiosa-R, I/E-R (escalas)	<b>71</b>
7 – Estatística Descritiva e Frequências: Itens Bem-Estar Psicológico	<b>73</b>
8 – Consistência Interna (coeficiente alfa): Itens de Bem-Estar Psicológico (oito itens)	<b>77</b>
9 – Consistência Interna (coeficiente alfa): Itens de Bem-Estar Psicológico (seis itens)	<b>79</b>
10 – Correlações (Spearman) entre os itens de Bem-Estar Psicológico e as escalas de Religiosidade (I/E-R)	<b>81</b>

11 – Correlações (Spearman) entre a idade (em anos) e as escalas de Religiosidade (I/E-R)	<b>82</b>
12 – Correlações (Spearman) entre a frequência (temporal) de participação em cultos religiosos, o grau de importância atribuído à religião e as escalas de Religiosidade (I/E-R)	<b>83</b>
13 – Teste de Mann-Whitney relativo às diferenças entre Sexos, na pontuação dos itens de Bem-Estar Psicológico e das escalas de Religiosidade (I/E-R)	<b>84</b>
14 – Teste de Mann-Whitney relativo às diferenças entre quem frequentou formação religiosa inicial (i.e. Catequese) e quem não frequentou, na pontuação das escalas de Religiosidade (I/E-R)	<b>86</b>
15 – Teste de Mann-Whitney relativo às diferenças entre quem realiza o sacramento da Reconciliação/Confissão e quem não realiza, na pontuação das escalas de Religiosidade (I/E-R)	<b>87</b>
16 – Teste de Mann-Whitney relativo às diferenças entre quem faz parte de movimentos ou obras paroquiais e quem não faz parte, na pontuação das escalas de Religiosidade (I/E-R)	<b>88</b>
17 – Teste Exacto de Fisher relativo às diferenças entre Sexos, na frequência de participação em cultos em cultos religiosos	<b>89</b>
18 – Teste Exacto de Fisher relativo às diferenças entre Sexos, na frequência (temporal) de realização do sacramento da Reconciliação/Confissão	<b>90</b>

19 – Teste Exacto de Fisher relativo às diferenças entre Sexos, no grau de importância atribuído à religião **91**

## **Introdução:**

O presente trabalho tem como objectivo principal estudar a relação entre a religiosidade e o Bem-Estar Psicológico (Ryff, 1989a) em adultos seniores (idade igual ou superior a 60 anos, para o presente estudo), para isso recorre-se ao estudo de correlações entre duas formas de religiosidade derivadas a partir dos trabalhos de Allport (1966) e Allport e Ross (1967), a *religiosidade intrínseca* e a *religiosidade extrínseca*, subdividindo-se esta última nas componentes *pessoal* e *social*.

A relevância da religiosidade enquanto objecto de estudo remete às origens da psicologia com os trabalhos de James (1902) citados por Seaman, Dubin e Seaman (2003), no entanto foram, ao longo da história da psicologia bastante negligenciados (i.e. Pargament, 1999; Miller & Thorensen, 2003; Seaman, Dubin, & Seaman, 2003). Nos últimos anos o crescente interesse pela temática tem trazido à luz diversos trabalhos nesta área e têm sido criadas divisões dedicadas ao estudo da religiosidade no seio de importantes órgãos ligados à Psicologia (Miller & Thorensen, 2003).

O Bem-Estar Psicológico é um termo que remonta aos finais dos anos 80 através de uma apreciação crítica de Ryff (1989a), a conceitos anteriores, como o Bem-Estar Subjectivo (i.e. Diener, 1984; Wilson, 1960 cit. *in* Galinha & Pais Ribeiro, 2005), sobre os quais assenta a grande crítica de se traduzir o termo aristotélico *eudaimonia*, por felicidade, quando este termo se relaciona com a aspiração máxima do potencial de cada um e pelo facto de se entender um conceito de bem-estar psicológico sem base teórica. A partir destas críticas foi formulado o conceito de Bem-Estar Psicológico, baseado na teoria e em conceitos anteriores, tendo-se aferido seis dimensões: 1) Aceitação de Si; 2)

Relações Positivas com os Outros; 3) Autonomia; 4) Domínio do Meio; 5) Objectivos de Vida; 6) Crescimento Pessoal (Ryff, 1989a; Leite, Paúl & Sequeiros, 2002).

Para a faixa etária em questão Ryff (1989b), propõe-se aferir quais as dimensões de Bem-Estar Psicológico que mais importância assumem, destacaram-se, então as dimensões de Aceitação de Si e Relações Positivas com os Outros.

Ao nível da relação entre a religiosidade e o envelhecimento, vários estudos têm sido levados a cabo e têm infirmado, de certo modo, as concepções de religiosidade como forma de *coping* negativo ou mecanismo de defesa passivo (Pargament & Ano, 2004), diversos estudos têm mostrado uma correlação positiva entre a religiosidade e indicadores de saúde mental, quer na relação das pessoas consigo próprias, quer nas relações inter pessoais (i.e. estudos citados por Moberg, 2008; Pargament & Ano, 2004; Wink & Dillon, 2008)

Este trabalho insere-se, igualmente, no quadro de importância deste tipo de estudos em Portugal, uma vez que é um país, segundo Arroyo Menedéz (2007), que apresenta um padrão de religiosidade centrado no *catolicismo institucionalizado*, além de todas as circunstâncias históricas do país, nomeadamente a abertura tardia do nosso país à educação e à cultura, para a população em geral.

O presente trabalho está dividido em cinco capítulos: o primeiro capítulo corresponde a uma revisão de literatura, assente nas temáticas em estudo, assim como à apresentação dos objectivos, linhas gerais e hipóteses em estudo; no segundo é feita uma caracterização da amostra, dos instrumentos utilizados, dos procedimentos e métodos de análise; o terceiro capítulo intergra a apresentação dos resultados para as hipóteses formuladas; o quarto a discussão dos resultados aferidos; finalmente, o quinto

capítulo resume as conclusões do estudo, com as suas limitações e necessárias implicações em estudos futuros.

## Capítulo 1 – Revisão de Literatura e Linhas Gerais do Presente Trabalho

### 1.1 – Religiosidade e Espiritualidade: Evolução dos conceitos enquanto objectos de estudo:

Ao longo da história da investigação em Psicologia, temas relacionados com a Religião e Espiritualidade foram claramente negligenciados (i.e. Pargament, 1999; Miller & Thorensen, 2003; Seaman, Dubin, & Seaman, 2003), apesar da existência de trabalhos importantes como os de William James, que iniciaram, com a publicação da obra *The Varieties of Religious Experience*, em 1902, a discussão da relação entre sentimentos, acções, experiências no campo religioso e espiritual e modificações psicofisiológicas (Seaman, Dubin, & Seaman, 2003); os de Carl Jung e as suas conceptualizações acerca da espiritualidade oriental (Tummala-Narra, 2009), nos anos 50; os trabalhos de Allport ou de Fromm e Suzuki (Pargament, 1999; Tummala-Narra, 2009); ou ainda o contributo da Teoria das Relações de Objecto (Tummala-Narra, 2009). De facto, só a partir dos anos 90 a investigação com variáveis espirituais e religiosas começa a amadurecer, pois mesmo quando existiam fortes evidências da relevância de factores espirituais e religiosos estes não eram discutidos. Para além disso, a espiritualidade e a religiosidade apresentavam-se como termos mal definidos e muitas vezes considerados como termos sinónimos (i.e. Larson et. al 1992, 1998 cit. in Miller & Thoresen, 2003).

Na história da Psicologia pesa o seu contributo para o progresso da secularização do mundo moderno, são conhecidos fervorosos críticos da religião, apoiantes de valores ateístas, como Freud [“perigosamente ilusória (Freud, 1927; 1961 cit. in Pargament, 2002)], Leuba [“irracional e patológica” (Leuba, 1925 cit. in Pargament, 2002)] ou

Skinner [“punitiva e exploradora” (Skinner, 1953 cit. *in* Pargament, 2002)], criando-se um certo estereótipo de que a Psicologia e os psicoterapeutas desvalorizam as questões religiosas (Pargament, 2002; Smith & Orlinsky, 2004). Apesar dos citados exemplos, no parágrafo anterior, durante muitos anos, o campo da religião estava relacionado com quem gostava de trabalhar numa certa obscuridade (Pargament, 1999). Num estudo realizado por Smith e Orlinsky (2004), com membros da Divisão 29 da Associação Psicológica Americana, adiante referida pelo acrónimo APA, mais especificamente, da *American Academy Of Psychotherapists*, e também com psicoterapeutas neozelandeses e canadianos mostraram que 51% dos terapeutas que participaram no estudo revelaram um padrão definível como *Espiritualidade Pessoal* (definida pelo sentir da importância de uma dimensão espiritual, baseada na importância do sentido da vida e na experiência pessoal e privada), 27%, um padrão de *Espiritualidade Religiosa* (relacionada com a prática espiritual de modo comunitário, respeitando os diversos valores religiosos), e 21%, um padrão de *Moralidade Secular*, sendo um exemplo de que o estereótipo poderá não passar disso mesmo.

Para Miller e Thoresen (2003), existem duas premissas base que contribuíram para o facto das questões espirituais terem assumido, durante grande parte da história da ciência no séc. XX, “(1) a assumpção de que a espiritualidade não pode ser estudada cientificamente, e (2) a assumpção de que a espiritualidade não deve ser estudada cientificamente”; no apoio a estas premissas estão, indiscutivelmente, perspectivas filosóficas, note-se, sem base científica, como o Materialismo, ou seja, a aceção de que algo não-material não poderá ser estudado pois transcende a realidade empírica (Miller & Thoresen, 2003), ou ainda, o reverso do argumento materialista, de que a ciência, por definição, não está apta a estudar a religião (Thomson, 1986 cit. *in* Miller & Thoresen,

2003), dado que os fenómenos espirituais, sendo subjectivos e não observáveis directamente, as metodologias científicas baseadas na observação directa e na replicação em condições controladas, apresentam-se como modos inapropriados de estudar e compreender os referidos fenómenos (Miller & Thoresen, 2003). Todos estes argumentos apresentam um carácter algo falacioso, pelo facto de se estudarem tantas realidades a nível científico que não são directamente observáveis, nos mais variados ramos da ciência (por exemplo na Física), que servem de base, inclusivamente, à constituição de teorias científicas (Dennett, 1991; Forman, 1998; Westen, 1998 todos cit. *in* Miller & Thoresen, 2003). Na realidade, a partir de variáveis bem definidas e operacionalizadas em equipas multidisciplinares, nomeadamente em articulação com académicos religiosos, questões relacionadas com a espiritualidade e religiosidade podem constituir material de investigação com significado (Barbour, 2000; Miller & Delaney, 2005).

Miller e Thoresen (2003) mostram a crescente importância do estudo científico dos fenómenos espirituais e religiosos, com os exemplos de secções criadas no seio de organizações científicas, veja-se a Divisão 36 da APA, publicações dedicadas a estas áreas, por exemplo a revista *Journal for the Scientific Study of Religion* ou ainda uma panóplia de instrumentos utilizados no estudo de variáveis religiosas.

Na breve apresentação da história da investigação na área espiritual e religiosa pela ciência e, nomeadamente, pelas ciências da saúde e psicológicas, surge a distinção entre os termos *espiritualidade* e *religião*, ou analogamente, *religiosidade*. Esta distinção é de facto importante e, mais uma vez, a literatura remete para William James, que no trabalho supracitado em parágrafo anterior, distingue duas realidades relacionadas com o termo *religião*, uma como tendo um carácter mais individual e outra mais

institucional, ou seja, “distingue-se uma experiência religiosa de “primeira mão” directa e imediata de uma “segunda mão” institucional que é uma tradição herdada” (James, 1902 cit. in Hill & Pargament, 2003, p.64) ou concomitantemente os conceitos de Allport (Allport, 1966; Allport & Ross, 1967; ambos cit. in Maltby, 1999) de *Religiosidade Intrínseca* e *Religiosidade Extrínseca* (no conceito de Allport esta ainda se pode relacionar com os ganhos a nível social). Este contraste define a Religião como um conceito de banda larga, não só pelo facto da componente pessoal ou institucional, mas também pelo facto do termo Religião se relacionar com conteúdos substantivos (crenças, rituais, relação com ser superior...) e funcionais (os propósitos aos quais a religião serve), tal como um conceito que pode envolver o “bom” e o “mau” (Pargament, 1999). Porém, já há alguns anos, tem-se assistido à ascensão da importância do termo *espiritualidade*, relegando o termo religiosidade para uma componente institucionalizada, ritualizada e ideológica, e o termo espiritualidade, relacionando-se com procura de significado, unidade, transcendência e busca do máximo do potencial humano, de cariz individual, o que para alguns autores tem servido para definir o termo religiosidade como uma espécie de espiritualidade negativa, que de certo modo se constitui como um entrave à expressão individual e ao máximo das nossas capacidades (Pargament, 1999)<sup>1</sup>. A ascensão desta dualidade pode estar relacionada quer com a difusão de novas formas de expressão espiritual, quer com o crescente interesse pelos cultos orientais (i.e. Budismo...), ou o movimento de

---

<sup>1</sup> Pargament, no artigo citado, faz uma análise crítica das tendências referidas, nomeadamente as dualidades individual-institucional e bom-mau. O autor define religiosidade como uma busca de significado em relação com o Sagrado e espiritualidade, sendo a espiritualidade a função central da religiosidade. O termo Sagrado é pois central e, na opinião do autor, tem vindo a perder a sua importância, em detrimento das dualidades consideradas, que para o autor estão contidas no termo religiosidade, não sendo características de um ou outro termo. Pargament mantém-se, assim, fiel ao conceito de religiosidade de William James, conciliando-o com o termo espiritualidade, sem no entanto modificar a sua natureza de conceito de banda larga, ao contrário do que se tem vindo a passar.

individualização da sociedade a que se tem assistido nas últimas décadas (Pargament, 1999). Apesar de toda a discussão em torno dos termos, na realidade, a forma que muitos indivíduos têm de experienciar uma vivência espiritual é precisamente através de uma Religião (Zinnbauer et al., 1997; Marler & Hadaway, 2002; cit. in Hill & Pargament, 2003).

Como Pargament e Ano (2004) referem, a religiosidade pode actuar numa série de contextos ou de propósitos, estando ligada a ganhos a nível psíquico tais como a redução de ansiedade, o auto-controlo e o crescimento pessoal, assim como a busca de significado, conforto e paz. A função social também é muito importante, nomeadamente no que diz respeito às relações interpessoais, tal como a influência positiva em comportamentos saudáveis (Pargament & Ano, 2004). O grande ponto de distinção reside, contudo, na relação com o Sagrado, no propósito espiritual da transcendência, do conhecimento de Deus, ainda que existam diversas formas de percepção da figura divina (Pargament & Ano, 2004).

### **1.2 – O Bem-Estar: Hedonia e Eudaimonia:**

A busca de variáveis indicadoras de qualidade de vida, levada a cabo a partir de finais dos anos 50, fez surgir o termo *Bem-Estar Subjectivo* (Land, 1975 cit. in Keys, Shmotkin, & Ryff, 2002), no ano de 1960, pela mão de Wilson (Galinha & Pais Ribeiro, 2005). A partir dos anos 70, algumas obras importantes clarificam o conceito, “Como marcos literários neste campo de estudos, as publicações de Andrews e Withey (1976) e de Campbell, Converse e Rodgers (1976) clarificaram que apesar das pessoas viverem em meios objectivamente definidos, são os seus mundos definidos subjectivamente que

prevalecem, atribuindo proeminência ao Bem-Estar Subjectivo como índice relevante de qualidade de vida” (Keys et al., 2002, p.1007)

O conceito de Bem-Estar Subjectivo pode ser definido em torno duas variáveis chave, a Satisfação e a Felicidade, primeiramente estudados por Wilson (1967 cit. in Galinha & Pais Ribeiro, 2005, p.204), em duas perspectivas, *Bottom Up*, “a satisfação imediata de necessidades produz felicidade enquanto a persistência de necessidades causa Infelicidade” e *Top Down*, “o grau de satisfação necessário para produzir Felicidade depende da adaptação ou nível de aspiração, que é influenciado pelas experiências do passado, pelas comparações com outros, pelos valores pessoais e por outros factores”. Estes trabalhos influenciaram outros autores, levando à redefinição dos termos, sendo que “a Felicidade resulta então de um equilíbrio entre afectos positivos (prazerosos) e negativos (desprazerosos), associados à experiência imediata” (i.e. Bradburn, 1969 cit. in Keys et. al 2002, p.1008) e “a satisfação, de um processo de avaliação, a longo prazo, do percurso de vida” (i.e. Campbell et al., 1976 cit. in Keys et al., 2002, p.1007). Um dos investigadores que consolidou esta temática foi Diener (Couto et al., 2010; Diener, 1984).

Em finais dos anos 80, começam-se a traçar novos caminhos no campo do bem-estar, quando Carol Ryff se propõe apresentar um modelo alternativo. Em primeiro lugar a autora faz uma aproximação crítica às bases do Bem-Estar Subjectivo, partindo dos trabalhos de Bradburn (1969), relacionados com a influência de mudanças macro-sociais na vida dos indivíduos e na sua influência na percepção do bem-estar, a nível psicológico (Ryff, 1989a). A variável dependente escolhida foi a Felicidade, definida como “o equilíbrio entre afectos positivos e afectos negativos” (vide parágrafo anterior) e, a partir do conceito aristotélico de *eudaimonia*, a Felicidade é definida como o maior

de todos os bens tangíveis da acção humana. A partir deste pressuposto, Ryff levanta duas questões: a primeira, se o estudo não tinha como meta principal a definição da estrutura básica do bem-estar psicológico, a independência entre afectos positivos e negativos teria sido uma descoberta devida à serendipidade num estudo com outros propósitos (Ryff, 1989a; Keys & Ryff, 1995), a outra questão estaria relacionada com a falaciosa tradução de *eudaimonia* por Felicidade, que sugere uma equivalência entre eudaimonismo e hedonismo, em contradição com a diferenciação feita pelos gregos entre “a gratificação de desejos certos e errados”, ou seja, a eudaimonia definida como “os sentimentos que acompanham comportamentos direccionados e consistentes com o verdadeiro potencial de cada um” (Waterman, 1984, p.16, cit. in Ryff, 1989a, p.1070). No que diz respeito à Satisfação, medidas desenvolvidas para a avaliação desta variável também surgem no âmbito de investigações com objectivos para ultrapassar a mera definição da estrutura básica do bem-estar psicológico (Ryff, 1989a).

A grande crítica de Ryff (1989a), advém do facto de, até à época, não ter sido mostrada qualquer preocupação em construir uma base teórica com vista à definição da estrutura básica do bem-estar psicológico, negligenciando, assim, uma série de factores de funcionamento positivo, já descritos na literatura.

Ryff (1989a) refere que, paralelamente a esta agenda de investigação na área do Bem-Estar, existe uma panóplia de autores que se dedicaram à explicação do funcionamento positivo, atente-se, por exemplo, ao conceito de Auto-Actualização (Maslow, 1968 cit. in Ryff, 1989a), de Individuação (Jung, 1933; Von Franz, 1964 ambos cit. in Ryff, 1989a), o conceito de Pleno Funcionamento (Rogers, 1961 cit. in Ryff, 1989a), entre outros exemplos, assim como o contributo das teorias de *life span*, que realçavam diferentes desafios com que as pessoas se confrontam, em cada fase do

ciclo de vida. Modelos como o Psicossocial (Erikson, 1959 cit. in Ryff, 1989a) ou ainda os trabalhos de Buhler (Buhler, 1935; Buhler & Massarick, 1968 cit. in Ryff, 1989a), de destacar ainda os critérios positivos de saúde mental definidos por Jahoda, que pretendem, de certo modo, substituir as definições de saúde mental, apenas baseadas na ausência de patologia (Jahoda, 1958 cit. in Ryff, 1989a). Como foi referido, o impacto destes estudos foi um tanto marginal, a nível empírico (Ryff, 1982; 1985 cit. in Ryff, 1989a), entre outras razões, pela ausência de medidas válidas para a avaliação dos conceitos em jogo na maioria dos modelos ou pela extensão e diversidade dos critérios de bem-estar (Ryff, 1989a; Keys, Shnotkan & Ryff, 2002).

Apesar de os conceitos serem de certo modo dispersos, Ryff (1989 cit. in Ryff, 1989a), considera que podem ser integrados e sumarizados, pois existem vários pontos de convergência entre algumas das teorias que lhes estão subjacentes; são, por conseguinte, esses pontos de convergência que se tornarão as dimensões essenciais no modelo alternativo, proposto por Ryff, modelo que actualmente é conhecido como o modelo do *Bem-Estar Psicológico* (Ryff 1989<sup>2</sup> cit. in Ryff, 1989a).

O modelo do Bem-Estar Psicológico, é um modelo multifactorial, que compreende 6 dimensões (uma descrição mais pormenorizada será apresentada mais adiante): 1) Aceitação de Si; 2) Relações Positivas com os Outros; 3) Autonomia; 4) Domínio do Meio; 5) Objectivos de Vida; 6) Crescimento Pessoal (Ryff, 1989a; Leite, Paúl & Sequeiros, 2002).

---

<sup>2</sup> Ryff, C. D. (1989). Beyond Ponce de Leon and life satisfaction: New directions in quest of successful aging. *International Journal of Behavioral Development*, 12, 35-55. Neste artigo as dimensões são descritas detalhadamente, assim como a forma como foram derivadas.

Ao longo dos anos, os trabalhos de Ryff têm sido amplamente replicados (Miguel, Moral & Pardo, 2008). Ryff e Keys (1995) testaram o referido modelo com uma amostra americana, representativa a nível nacional, tendo analisado a consistência replicativa das diferenças entre sexos e idades, testando a adequação do modelo teórico aos dados empíricos, assim como a relação com três factores utilizados em estudos anteriores (Felicidade, Satisfação e Depressão). Tratou-se de uma importante revisão do conceito e os dados obtidos apoiaram o facto de o bem-estar ser um conceito multifacetado, tendo as diferentes dimensões mostrado independência entre si, à excepção da Aceitação de Si e do Domínio do Meio, e ainda tendo-se verificado consistência replicativa nas diferenças de género e etárias. Outro trabalho importante, o de Keys, Shnotkan e Ryff (2002), desta vez confrontando as duas tradições aqui referidas como Bem-Estar Subjectivo e Bem-Estar Psicológico, mostra que ambos os conceitos, apesar de relacionados, são distintos. É importante referir alguns trabalhos mais críticos, nomeadamente no que diz respeito à quantidade de factores do modelo e, conseqüentemente, às escalas de Bem-Estar Psicológico de Ryff (*Ryff Psychological Well-Being Scale*), enquanto medida de bem-estar. Destaca-se os trabalhos de Springer e Hauser (2006), que encontraram correlações elevadas entre 4 factores (objectivos de vida, crescimento pessoal, aceitação de si e domínio do meio) pondo em causa o modelo de seis factores e propondo uma redução para três factores (Springer & Hauser, 2006; Springer, Hauser, & Freese, 2006). Em resposta a Springer e Hauser (2006), Ryff e Singer (2006) apresentam diversas evidências (validade factorial, correlatos psicológicos, correlatos sócio-demográficos, correlatos biológicos e estudos interventivos), referindo que a análise levada a cabo por Springer e Hauser (2006) “se revela problemática, em termos de racional científico ou em termos de método de

implementação, ou por ambas as razões” além de que “revela incompreensão do constructo” (Ryff & Singer, 2006, p.1103). Já Abbott et. al. (2006) sugerem uma redução a quatro factores com um factor de segunda ordem. Dierdonck et al. (2006), num estudo exploratório com amostra espanhola e colombiana, defendem a manutenção dos seis factores e que os resultados obtidos pelos trabalhos referidos podem ser contornados pela remoção de itens em excesso, com elevada correlação, levada já a cabo nas versões curtas da escala. Para estes investigadores, apesar de poder haver factores bastante relacionados uns com os outros, cada factor tem a sua especificidade. Miguel, Moral e Pardo (2008), num estudo confirmatório com uma amostra sénior, afirmam que o modelo mais adequado é o de seis factores, ainda que a independência entre alguns deles não seja muito elevada.

### **1.3 – O Bem-Estar Psicológico e o Envelhecimento:**

Durante o século passado, as condições de vida dos mais velhos beneficiaram de grandes melhorias, que se reflectiram no aumento da esperança média de vida, na saúde, na vitalidade, na participação social, entre outros (Baltes, 2006 cit. *in* Weiss & Lang, 2009), contudo, toda esta evolução, segundo o que parece, não teve como concomitância a criação de uma imagem mais positiva do envelhecimento (i.e. Heckhausen, Dixon, & Baltes, 1989; Hummert, Garstka, Shaner, & Strahm, 1994; Kite & Johnson, 1988; Kite, Stockdale, Whitley, & Johnson, 2005; Nosek, Banaji, & Greenwald, 2002; cit. *in* Weiss & Lang, 2009; Levy, 2003 todos cit. *in* Cheng, Fung, & Chan, 2009). Esta evidência é ainda mais clara entre os idosos. Alguns estudos indicam que os idosos têm atitudes mais negativas relativamente aos pares da sua idade do que os mais jovens (Heckhausen & Brim, 1997; Heckhausen & Krueger, 1993; Hummert, Garstka, O'Brien, Greenwald, & Mellot, 2002; todos cit. *in* Weiss & Lang, 2009),

outros não se identificam com a sua idade cronológica de uma forma positiva, e referem que se pudessem seriam mais novos (Montepare & Lachman, 1989; Smith & Baltes, 1999; ambos cit. *in* Weiss & Lang, 1999).

Os estudos mencionados vão ao encontro de um ponto importante destacado num dos trabalhos de Ryff (1989b), cujo objectivo é clarificar como é que adultos de meia-idade e seniores concebem o bem-estar, uma vez que, apesar da existência de diversa literatura acerca destas fases do desenvolvimento, mais uma vez aludindo para os estudos sobre o Bem-Estar Subjectivo (Andrews & Withey, 1976; Cutler, 1979; George, 1979; Herzog, Rogers, & Woodworth, 1982; Larson, 1978; Lawton, 1977, 1984; Palmore, 1979; Stock, Okun, & Benin, 1986 todos cit. *in* Ryff, 1989b) e para as teorias de *Lifespan* (Biihler & Massarik, 1968; Erikson, 1959; Jung, 1933 todos cit. *in* Ryff, 1989b), muitos dos conceitos foram elaborados pelos investigadores a partir de estudos realizados numa faixa etária diferente da qual se aplicam os conceitos. Assim sendo, é questionável até que ponto, na realidade, esses conceitos se adequam aos adultos mais velhos (Ryff, 1989b).

Um dos resultados mais interessantes deste estudo foi o facto de se ter constatado uma importante orientação para os outros, “aquando da definição de ajustamento, maturidade, preenchimento e pessoa ideal, os participantes enfatizaram repetidamente o facto de serem carinhosos, compassivos e terem uma boa relação com a família e com os amigos, a prioridade dada às questões interpessoais foi verdadeira para ambos os grupos etários e ambos os sexos” (Ryff, 1989b, p.205). Esta realidade nunca se tinha constituído como um ponto-chave do bem-estar (Liang, 1984, 1985; Stock et al., 1986 ambos cit. *in* Ryff, 1989b), contudo, alguns estudos sobre qualidade de vida já tinham salientado a importância das relações com outros (i.e. Flanagan, 1978 cit. *in* Ryff,

1989b), para além de que vão ao encontro de outras formulações teóricas, já citadas, como os modelos de Allport (1961, cit. in Ryff, 1989b), Maslow (1968, cit. in Ryff, 1989b) ou Rogers (1961, cit. in Ryff, 1989b). Outro dos pontos realçados prende-se com a *aceitação da mudança*, mudança ao nível do próprio, com o envelhecimento, e as mudanças no mundo ao redor. Isto significa que um dos possíveis desafios no envelhecimento com sucesso se relaciona com a capacidade de aceitação das voltas que a vida dá, que, à medida que se envelhece, começam, cada vez mais, a estar “para além do controlo da pessoa” (Ryff, 1989b), pois uma das questões relacionadas com o envelhecimento prende-se, precisamente, com a tendência para percepcionar o declínio de capacidades, especialmente a nível físico e na saúde (Cheng et al. 2009).

#### **1.4 – A Religiosidade, o Bem-Estar Psicológico e o Envelhecimento:**

Tal como foi referido anteriormente, as visões mais tradicionais da Psicologia consideravam a religião como um mecanismo de defesa passivo, uma negação idealizada, ou como uma forma de *coping* evitante, com vista ao evitar lidar com os problemas da vida (Pargament & Ano, 2004). Esta consideração pode aplicar-se a casos, pois é inegável que algumas pessoas, na realidade, utilizam a religião como uma forma de *coping* negativo, apesar disso, tem vindo a ser infirmada como generalização, visto que a investigação tem vindo a demonstrar que a religiosidade está mais relacionada com formas de *coping* activo do que com formas passivas e mecanismos de defesa pouco elaborados (Pargament & Ano, 2004).

A influência da religiosidade no bem-estar não pode ser explicada meramente por relações simplistas, mas consoante a integração dos mecanismos de *coping* em diversos factores a considerar, as necessidades e aspirações individuais, as situações e contextos sociais. O *coping* religioso é uma manifestação específica, em períodos de dificuldade,

sob a forma da oração/relação com Deus, ou pela procura de apoio espiritual nos outros, ou pelo tirar partido da situação difícil como forma de crescimento pessoal. As formas de *coping* religioso estão “directamente e funcionalmente relacionadas com a situação em mãos” (Pargament & Ano, 2004, p.117).

Nos últimos anos, alguns trabalhos vieram mostrar que a religiosidade em adultos mais velhos “se correlaciona positivamente com a frequência e qualidade das interacções familiares intergeracionais” (King & Elder, 1999; Pearce & Axinn, 1998; cit. in Wink & Dillon, 2008, p.103), assim como “têm tendencialmente redes de convívio mais alargadas e apoiantes” (Elison & George, 1994 cit. in Wink & Dillon, 2008, p.103), além de que “têm maior tendência a envolverem-se em tarefas de voluntariado e cuidado” (i.e. Putnam, 2000; Rossi, 2001 cit. in Wink & Dillon, 2008, p.103), além de predizerem mudanças positivas ao nível da saúde mental (i.e. Ai, Dunkle, Peterson & Bolling, 1998; Alferi, Culver, Carver, Arena & Antoni, 1999; Krause, 1999; Tix & Frazier, 1998; todos cit. in Pargament & Ano, 2004).

Por exemplo, em estudos longitudinais realizados com pacientes de transplante de rim, mecanismos de *coping* religioso estiveram relacionados com melhor ajustamento intra e interpessoal, três e doze meses após a cirurgia (Tix & Frazier, 1998 cit. in Pargament & Ano, 2003); um outro estudo realizado com pacientes de *bypass* coronário revelou níveis mais baixos de depressão e angústia no pós-operatório, um ano depois. Note-se que ambos os estudos controlaram outras variáveis possíveis (Pargament & Ano, 2004).

Num estudo realizado por Pargament, Koenig, Tarakeshwar & Hahn (2003, cit. in Pargament & Ano, 2004), o *coping* religioso mostrou uma relação positiva com a

capacidade para lidar com o stress, mudanças no sentido positivo ao nível da depressão e qualidade de vida, e melhor cooperação na entrevista. Ao nível da saúde física o *coping* religioso revelou uma relação positiva com mudanças positivas ao nível da percepção subjectiva de saúde, no funcionamento cognitivo e no estado físico geral; ao nível da saúde espiritual verificou-se uma relação positiva com o sentimento de ligação a Deus, a sensação de proximidade com os outros e sentimentos de crescimento espiritual. Este estudo foi ainda importante para notar, pelo reverso da medalha, quais os factores de *coping* religioso negativo, mostrando, pela primeira vez, que existem formas de *coping* religioso que se podem associar a maior risco de mortalidade, nomeadamente dúvidas constantes acerca da Fé, do amor que Deus tem aos homens, revolta contra Deus, conflitos interpessoais a nível religioso, deixando um alerta para os profissionais de saúde terem em atenção que tipo de representação tem a religiosidade para aqueles que estão fisicamente doentes (Pargament et al., 2003 cit. in Pargament & Ano, 2004)

Relacionado um pouco mais especificamente com o construto do Bem-Estar Psicológico, num estudo com dados longitudinais, Wink e Dillon (2008) pretendem, entre outros objectivos, mostrar a influência da espiritualidade e religiosidade no funcionamento psicossocial. Um dos pontos a focar residiu no facto de analisar até que ponto estas tendências não se verificariam apenas no seio da comunidade religiosa (igreja, paróquia, movimento), em que medida é que existia uma preocupação descentrada do próprio ou da imagem que o próprio pretende mostrar perante a comunidade religiosa, isto é, se existe uma preocupação incondicional com os outros, sendo esta uma das componentes da generatividade (Erikson, 1963 cit, in Wink & Dillon, 2008). Esta aptidão em manter a confiança numa vida com significado ajudaria os idosos a enfrentar com maior confiança os desafios que são comuns à idade, assim

como a aumentar a confiança dos mais jovens. Do estudo constatou-se que níveis altos de religiosidade, no início da idade adulta, se correlacionavam positivamente com a criatividade e a sabedoria, não se atingindo níveis significativos na amostra de participantes mais idosos, o que quer dizer que a manutenção de um padrão alto de religiosidade se correlacionou com um processo de envelhecimento direccionado numa linha mais espiritual e portanto com níveis mais altos de criatividade e sabedoria (Wink & Dillon, 2002 cit. *in* Wink & Dillon, 2008). O sentimento de ligação à humanidade através da partilha de opiniões religiosas e espirituais denota, nomeadamente em relações próximas, uma correlação positiva com a generatividade (Brelsford, Marinelli, Ciarrochi, & Dy-Liacco, 2009).

Ainda no que diz respeito ao campo das relações e da sua importância no Bem-Estar Psicológico ou mesmo na saúde em geral, refere-se o efeito positivo que a capacidade de perdoar pode ter. Lawler-Row (2010) conclui que a capacidade de perdoar medeia a maioria das relações entre a religiosidade e a saúde, apesar da correlação algo modesta.

Num outro estudo realizado com afro-americanos, maioritariamente de classe média-alta (Frazier, Mintz & Mobley, 2005), destaca-se uma correlação positiva entre a religiosidade e cinco das seis dimensões do modelo do Bem-Estar Psicológico (i.e. Ryff, 1989; Ryff & Keys, 1995). A dimensão com correlação mais baixa foi a Autonomia.

Outro ponto importante que se relaciona com o envelhecimento prende-se com a questão das incapacidades, que remete para a *aceitação da mudança*, destacada no trabalho de Ryff (1989b). A este nível, a religiosidade assume um papel muito importante no enfrentar das incapacidades e o *coping* religioso parece assumir-se como

um importante mecanismo no reforço do bem-estar (Nelson-Becker, cit. in Moberg, 2008). Um estudo realizado com população residente em casas de repouso e similares mostra que o *coping* religioso foi utilizado a seis níveis: “(1) manutenção da continuidade com a vida anterior à incapacidade, (2) obtenção de alívio da dor física o emocional, (3) providenciar um quadro para a socialização, (4) desenvolver a coragem, (5) manter um propósito para as suas vias e (6) preparar para a morte” (Patterson, King, Ball, Whittington & Perkins, 2003 cit. in Moberg, 2008, pp.324-325).

### **1.5 – A Religiosidade em Portugal:**

*No contexto português o termo religião está amplamente relacionado com o “catolicismo institucionalizado” (Arroyo Menéndez, 2007, p.758).*

De acordo com o *European Social Survey* (ESS1), 83% da amostra portuguesa considera-se Católica, 3% de outras religiões e 14% afirma não ter religião. A assistência à missa semanal corresponde a 30% da amostra, prevalecendo a assistência ocasional, 48%. Segundo o *European Value Survey* de 1999 (EVS 1999), o grau de confiança na igreja é elevado, 78% da população confia, Muito ou Bastante na igreja, a prática de oração diária é destacada por 33% de população, superada pelo somatório de oração semanal e ocasional, 51% (26, 25, respectivamente), 17% nunca reza (Arroyo Menéndez, 2007). Em comparação com outros países, apenas a Irlanda e a Polónia apresentam maiores taxas quer de participação semanal na missa, quer de oração diária (Arroyo Menéndez, 2007).

No que diz respeito à população alvo do presente estudo, o ESS1 indica uma prevalência da frequência semanal da missa para o grupo dos indivíduos nascidos em 1929 e antes (50%), contra 34% de assistência ocasional e 16% de não participação; já

entre os nascidos na década seguinte, existe um equilíbrio entre a assistência semanal e ocasional, 47 e 44%, respectivamente. Se tivermos em conta a geração, que à data do estudo citado tinha entre 50 e 60 anos e hoje tem entre 60 e 70 anos, nota-se uma diminuição da percentagem de indivíduos que participa semanalmente da Eucaristia, 37% contra 46% de participação ocasional (Arroyo Menéndez, 2007).

No EVS 1999, existem alguns pontos importantes a destacar: em primeiro lugar, uma prevalência do somatório de níveis “Alto” e “Médio-Alto” atribuídos à importância de Deus na vida de cada um, 80%, para as gerações nascidas até aos anos 30 (63%, 17%, respectivamente) e nos anos 30 (63%, 21%, respectivamente). Para a geração nascida nos anos 40, denota-se um decréscimo no nível “Alto”, 51%, assim como um aumento no nível “Baixo”, de 2% para 10% (Arroyo Menéndez, 2007). No que diz respeito às crenças, a crença em Deus tem uma prevalência quase total, sempre acima dos 90%, para os nascidos antes de 1950, contudo uma crença abaixo dos 50%, na vida para além da morte. A crença no inferno é concomitante, mas a crença no pecado situa-se acima do percentil 75 (Arroyo Menéndez, 2007).

Para Arroyo Menéndez (2007), através de uma análise dos dados quantitativos, carecendo de uma melhor exploração qualitativa, a religiosidade em Portugal é marcada, claramente, por uma elevada confiança na Igreja enquanto instituição, uma crença num Deus bastante humanizado, no sentido que a Bíblia lhe dá, um Deus cujo Homem foi criado à imagem e semelhança, pese ainda o facto de os portugueses relacionarem a Fé com aspectos mais mundanos e menos transcendentais (Arroyo Menéndez, 2007), com especial prevalência nos grupos etários, em estudo, no presente trabalho.

Na impossibilidade de ter acesso a dados mais recentes, os dados do EVS 2008 só serão publicados mais para o final de 2010, foram transcritos os dados do trabalho de Arroyo-Menéndez (2007).

### **1.6 – Linhas Gerais do Presente Trabalho e Hipóteses:**

O presente trabalho tem como **objectivo principal estudar as relações entre a religiosidade e aspectos do constructo do Bem Estar Psicológico** (i.e. Keys et al., 2002; Ryff, 1989a; Ryff & Keys, 1995) **em adultos seniores**, tendo em conta, acima de tudo, as evidências que a literatura apresenta para a faixa etária em estudo. Porquê estas temáticas? E que objectivos específicos se colocam?

1) Em primeiro lugar é importante ter em conta que toda a investigação relacionada com o envelhecimento, nomeadamente com tudo aquilo que possa contribuir para formas adaptativas de envelhecer, é bem vinda, pois a população está claramente a envelhecer. Segundo dados de 31 de Maio de 2010, do Instituto Nacional de Estatística (INE), estima-se que a população com 65 ou mais anos esteja muito perto da fasquia dos dois milhões de habitantes, superando a estimativa de população dos 0 aos 14 anos, como se pode confirmar pela taxa de envelhecimento (nº de residentes com 65 ou mais anos, por cada 100 indivíduos com menos de 15 anos), estimada à data de 29 de Junho de 2010: 117,6, para todo o país e de 120,3 para Portugal Continental (INE, 2010).

2) Como se pode constatar pelos dados apresentados por Arroyo-Menéndez (2007), a religiosidade em Portugal continua bastante fundada no “catolicismo institucionalizado” (Arroyo Menéndez, 2007, p.758), maior verdade para a população em estudo, considera-se, deste modo, importante estudar a relação que a

religiosidade tem com indicadores de bem-estar psicológico, tendo em conta a discussão entre individual e institucionalizado, intrínseco e extrínseco, busca pela transcendência e ritualização, etc.

3) No presente trabalho também se tentarão compreender diferenças etárias e de género, dentro do grupo a estudar;

4) A escassez de investigação na associação das temáticas referidas, ao nível do nosso país, tendo em conta as razões apresentadas anteriormente.

**Para isso são formuladas as seguintes hipóteses:**

1) Espera-se que os participantes com maior religiosidade intrínseca aceitem melhor a sua vida passada.

2) Espera-se que os participantes com maior religiosidade intrínseca sejam mais autónomos na expressão das suas opiniões.

3) Espera-se que os participantes com maior religiosidade extrínseca social tenham uma percepção mais positiva da forma como são avaliados nas relações sociais.

4) Espera-se que homens e mulheres vivam as suas experiências religiosas (intrínseca, extrínseca pessoal e extrínseca social) de forma diferente.

5) Espera-se que homens e mulheres tenham uma participação distinta nos cultos religiosos.

6) Espera-se que a magnitude das experiências religiosas (intrínseca, extrínseca pessoal e extrínseca social) se associe à idade.

## Capítulo 2 – Método:

### 2.1 – Participantes:

A amostra estudada é composta por 34 participantes oriundos maioritariamente da Região Centro de Portugal, nomeadamente da Sub-Região Oeste. Como critérios de participação incluíam-se a idade, igual ou superior a 60 anos, e compreensão adequada da língua escrita e/ou falada.

Dos 34 participantes, 25 são do sexo feminino e 9 do sexo masculino, as idades variam entre os 60 e os 88 anos, com uma média de 67.53 anos e desvio padrão 6.61, como se pode constatar pelo Quadro 1:

Quadro 1 – Distribuição da amostra por género e idade (em anos).

	Frequência (% do total)	Média da Idade	Desvio Padrão	Idade Mínima	Idade Máxima
<b>Feminino</b>	25 (73,5%)	67.80	7.08	60.0	88.0
<b>Masculino</b>	9 (26,5%)	66.78	5.40	60.0	75.0
<b>Total</b>	34 (100.0%)	67.53	6.61	60.0	88.0

No quadro 2 apresentam-se os demais dados sócio-demográficos:

Quadro 2 – Características socio-demográficas da amostra.

	N=34	Frequência (% do total)
<b>Nível de Escolaridade</b>	Analfabeto	1 (2.9%)
	1-4 anos	24 (70.6%)
	5-9 anos	3 (8.8%)
	10-12 anos	2 (5.9%)
	Curso Médio	2 (5.9%)
	Bacharelato/Licenciatura	2 (5.9%)

<b>Actividade Profissional</b>	Técnicos e Profissionais de Nível Intermédio	6 (17.6%)
	Pessoal Administrativo e similares	3 (8.8%)
	Pessoal dos Serviços e Vendedores	7 (20.6%)
	Agricultura/Pescas	3 (8.8%)
	Operários, Artífices e similares	6 (17.6%)
	Trabalhadores não qualificados	9 (26.5%)
	<b>Situação Profissional</b>	Reformado
	Activo	7 (20.6%)
<b>Estado Civil</b>	Solteiro	2 (5.9%)
	Casado	22 (64.7%)
	Viúvo	8 (23.5%)
	Divorciado	2 (5.9%)
<b>Agregado Familiar</b>	Vive Só	7 (20.6%)
	Vive Acompanhado	27 (79.4%)

---

No que diz respeito à experiência religiosa, destaque-se que 31 sujeitos, 91.2% da amostra, afirmam ter uma filiação religiosa. Todos afirmaram ter uma filiação Cristã – Católica Romana, dos quais um afirmou seguir uma vertente “Cristã Esotérica”. Todos os 34 (100.0%) participantes afirmam ser Baptizados, de entre esses, 6 (17.6%) realizaram o sacramento da Primeira Comunhão e os restantes 28 (82.4%) realizaram o sacramento do Crisma, que pressupõe obrigatoriamente a realização da Primeira Comunhão. O que quer dizer que a amostra em estudo realizou pelo menos dois dos três Sacramentos da Iniciação Cristã (Baptismo, Primeira Comunhão e Crisma/Confirmação).

O Quadro 3 resume alguns elementos da experiência religiosa da amostra:

Quadro 3 – Caracterização da experiência religiosa da amostra:

	<b>N=34</b>	<b>Frequência (% do total)</b>
<b>Filiação Religiosa</b>	Sim	31 (91.2%)
	Não	3 (8.8%)
<b>Sacramentos da Iniciação Cristã realizados</b>	Batismo (inclui os que realizaram os Sacramentos subsequentes)	34 (100.0%)
	Batismo+1ª Comunhão	6 (17.6%)
	Batismo+1ª Comunhão+Crisma	28 (82.4%)
<b>Casamento Religioso</b>	Sim	32 (94.1%) (100% do total para estado civil Casado)
	Não Aplicável (Solteiro)	2 (5.9%)
<b>Frequência de Formação Religiosa Inicial (Catequese ou equivalente) (Período Etário)</b>	Infância e/ou Adolescência	26 (76.5%)
	Entre os 40 e os 60 anos	1 (2.9%)
	Não teve	7 (20.6%)
<b>Hábitos de Oração (Frequência)</b>	Diária/Semi-diária (várias vezes por semana)	32 (94.1%)
	Ocasional	1 (2.9%)
	Nunca	1 (2.9%)
<b>Participação em celebrações religiosas (Frequência)</b>	Diária/Semi-Diária	19 (55.9%)
	Semanal	9 (26.5%)
	Ocasional	4 (11.8%)
	Nunca	2 (5.9%)

<b>Realização do sacramento da Reconciliação (Confissão) (Frequência)</b>	Várias vezes por mês	1 (2.9%)
	Uma vez por mês	8 (23.5%)
	Várias vezes por ano	8 (23.5%)
	Anual ou Festivo (Natal e/ou Páscoa)	9 (26.5%)
	Nunca	8 (23.5%)
<b>Participação em movimento ou obra paroquial</b>	Sim	19 (55.9%)
	Não	15 (44.1%)
<b>Importância da religião na vida (4 pontos, entre Indiferente e Muito Importante)</b>	Muito Importante	27 (79.4%)
	Importante	3 (8.8%)
	Pouco Importante	3 (8.8%)
	Indiferente	1 (2.9%)

---

## 2.2 – Instrumentos:

Foi elaborado um questionário Sócio-Demográfico (ver anexo), com especial incidência na experiência religiosa dos sujeitos, de modo a fornecer um quadro exaustivo das características da amostra, sob o ponto de vista da experiência religiosa.

Como medida de Religiosidade foi utilizada a ‘Age Universal’ *I/E-R Scale* (Gorsuch & McPherson, 1989), numa versão portuguesa (ainda em estudo) elaborada por Linares (s.d.), *Escala de Orientação Religiosa-R*.

A origem desta escala remonta aos conceitos de Allport (1966) e Allport e Ross (1967) ambos citados em Maltby (1999), de *religiosidade intrínseca* e *religiosidade*

*extrínseca*. O primeiro conceito refere-se a uma forma de religiosidade baseada numa orientação pessoal e o segundo numa orientação social, nomeadamente numa busca de consolo ou estatuto social (Allport & Ross, 1967 cit. in Maltby, 1999) ou ainda como mecanismo de defesa do Ego (Kahoe & Meadow, 1981 cit. in Maltby, 1999). Foi pois, assim, de modo sincrónico, que foi elaborada a *Escala de Orientação Religiosa*, ou *Religious Orientation Scale* (Allport & Ross, 1967, cit. in Maltby, 1999). A supracitada escala tem sido, ao longo dos anos, modificada, nomeadamente no campo dos itens, do formato de resposta ou dos métodos de cotação (i.e. Gorsuch & McPherson, 1989; Gorsuch & Venable, 1983; King & Hunt, 1969; Leong & Zachar, 1990; Maltby & Lewis, 1996; todos cit. in Maltby, 1999).

Para o presente trabalho interessam, em primeiro lugar, os trabalhos de Gorsuch e Venable, 1983 cit. in Maltby, 1999), que se propuseram dar à escala de Escala de Orientação Religiosa de Allport & Ross (1967) um formato que a adequasse à aplicação tanto a adultos como a crianças em idade escolar, e à qual deram o sugestivo nome de ‘*Age Universal*’ *I-E Scale*, utilizando para isso uma linguagem simplificada dos itens da escala de Allport e Ross (1967) (Gorsuch & Venable, 1983 cit. in Maltby, 1999). A escala ‘*Age Universal*’ *I-E Scale* surge com 20 itens (11 orientados para a religiosidade extrínseca e 9 para a religiosidade intrínseca), sendo respondidos de forma concordante ou discordante.

No final dos anos 80, surgem novos desenvolvimentos relacionados com esta escala, nomeadamente a identificação de dois factores de religiosidade extrínseca, o factor de religiosidade *extrínseca pessoal* - a religião como fonte de conforto e segurança - e o factor de religiosidade *extrínseca social* - centrada nos ganhos a nível social (note-se que ambas as dimensões podem assumir um carácter positivo quando

associadas a formas altruístas e positivas de religiosidade) (Kirkpatrick, 1989 cit. *in* Maltby, 1999). Leong e Zachar (1990, cit. *in* Maltby, 1999) sugerem ainda o corte de cinco itens, dizendo respeito quer ao factor extrínseco quer intrínseco. Gorsuch e McPherson (1989) tiveram em conta estas alterações aquando da sua revisão da escala *I-E* (Maltby, 1999).

Outra das modificações importantes relacionou-se com o formato das respostas, que vinha sendo criticado por ser demasiadamente orientado para pessoas religiosas (Gorsuch and McPherson, 1989; Kirkpatrick, 1989; Maltby, McCollam & Millar, 1994; cit. *in* Maltby, 1999). Maltby e Lewis (1996, cit. *in* Maltby, 1999) propõem um formato de aplicação com cinco pontos, variando de “Discordo totalmente” a “Concordo totalmente”, sendo as respostas pontuadas numa escala de três pontos, “Sim” (1), “Não Tem a Certeza” (2) e “Não” (3). Entenda-se o “Sim” como orientado para as respostas na linha do “Concordo” (dois dos pontos da versão de aplicação), o “Não” como orientado para as respostas na linha do “Discordo” (outros dois dos pontos da versão de aplicação) e o “Não tem a certeza”, para o item correspondente (perfazendo os cinco pontos da versão de aplicação).

Maltby (1999) propõe-se avaliar as propriedades psicométricas da escala após todas as evoluções referidas, com população oriunda dos Estados Unidos da América, Inglaterra, Irlanda do Norte e República da Irlanda, com idades iguais ou superiores a 12 anos. As conclusões apoiam, claramente, a independência dos 3 factores (partilham no máximo 1,7% da variância), além de identificarem alguns factores ambíguos que poderão ir no sentido dos factores intrínsecos ou dos extrínsecos (“Não tem grande importância aquilo em que acredito, desde que eu seja bom”, “As orações que faço quando estou só são tão importantes como aquelas que faço na Igreja” e “Vou à igreja

mais que uma vez por semana”; os dois últimos não estão incluídos na versão aplicada), tendo sido sugerido o uso de uma escala de 12 itens.

A versão utilizada compreende 14 itens, onde os itens 1, 3 [este item foi um dos identificados por Maltby (1999) como sendo ambíguo e a eliminar], 4, 5, 7, 10, 12 e 14 correspondem à escala de religiosidade Intrínseca; os itens 6, 8 e 9 correspondem à escala de religiosidade Extrínseca-Pessoal; os itens 2, 11 e 13 à escala de religiosidade Extrínseca-Social.

As respostas são dadas numa escala de Likert de 5 pontos, apresentadas aos sujeitos segundo as seguintes opções: “Discordo totalmente”, “Discordo em parte”, “Não tenho a certeza”, “Concordo em parte” e “Concordo totalmente”; sendo pontuados da seguinte forma: 1-“Discordo totalmente”, 2-“Tendo a discordar”, 3-“Não tenho a certeza”, 4-“Tendo a concordar” e 5-“Concordo totalmente”, respectivamente.

Os testes de consistência realizados com a versão aplicada, no presente trabalho, apontam para um coeficiente alfa de .42, revelando uma consistência interna de nível fraco, aquém do desejável. Quanto à correlação entre escalas, denota-se uma correlação moderada fraca entre as escalas de Religiosidade Intrínseca e Religiosidade Extrínseca Pessoal ( $r = .43$ ), e a tendência para a independência entre as escalas Intrínseca e Extrínseca Social, assim como entre as escalas Extrínseca Pessoal e Extrínseca Social,  $r = .19$  e  $r = .15$ , respectivamente. Feita uma análise exploratória relativamente à precisão do instrumento, tendo apenas em conta os resultados totais obtidos nas três escalas (três somatórios), verifica-se que o coeficiente alfa não melhora significativamente (.52). Verifica-se ainda que a escala de Religiosidade Extrínseca Social é aquela com uma maior contribuição no teor pouco satisfatório dos resultados (se retirada, o valor de alfa

atingiria .6). Note-se que o coeficiente alfa obtido se relaciona também com a homogeneidade do padrão de respostas da amostra.

O Bem-Estar Psicológico foi operacionalizado por Ryff (1989a), que elaborou as *Psychological Well-Being Scales*, as *Escalas de Bem-Estar Psicológico*, na versão adaptada à língua portuguesa (Novo, Duarte Silva, & Peralta, 1997).

O contexto histórico da elaboração das escalas está descrito na revisão bibliográfica, lembrando apenas que o constructo deriva de conceitos elaborados anteriormente e que muitos deles fazem parte da história da Psicologia, mas como foi referido na mesma secção, a descrição mais pormenorizada das escalas seria apresentada mais à frente, passa-se então à descrição dessas mesmas escalas, segundo Ryff (1989a). São apontadas seis dimensões, descritas da seguinte forma:

*Aceitação de Si*: baseia-se na tomada de atitudes positivas de cada indivíduo relativamente a si próprio, tem sido considerado ao longo dos tempos como um dos critérios centrais de saúde mental;

*Relações Positivas com os Outros*: relaciona-se com a capacidade de empatizar e se sentir ligado aos demais seres humanos, sendo capazes de amar verdadeiramente, criar amizades profundas e identificação com outras pessoas, relaciona-se com a intimidade e a generatividade;

*Autonomia*: características como a auto-determinação, independência e regulação do comportamento a partir das suas convicções, não atendendo tanto a questões de aprovação social, mas ponderando os seus próprios valores;

*Domínio do Meio*: entende-se como a capacidade de escolher e criar meios ambientais de acordo com as suas condições, a capacidade de progredir e mudar de acordo com as “oportunidades ambientais” (Ryff, 1989a, p.1071);

*Objectivos de Vida*: a definição de objectivos, intenções, a necessidade de deixar o seu contributo positivo para o mundo tem vindo a ser destacada como uma forma de funcionamento maduro e positivo;

*Crescimento Pessoal*: relaciona-se com o anseio do melhor, mas sempre do melhor de si próprio, o desenvolvimento das suas potencialidades e a busca de crescimento pessoal, ou ainda capacidade de lidar com os diversos desafios de cada período da vida.

No que diz respeito às propriedades psicométricas da escala muito se tem estudado acerca. Alguns estudos mais críticos quanto ao modelo de seis factores (i.e. Springer & Hauser, 2006; Springer, Hauser, & Freese, 2006), especialmente no que diz respeito à constatação de elevadas correlações entre alguns dos factores, propõem uma redução dos mesmos, no entanto, apesar desta questão surgir em alguns estudos confirmatórios, o modelo de seis factores continua a ser o mais aceite, muito embora alguns investigadores afirmem que a redução de factores em excesso melhora os resultados (i.e. Dierdonck et al., 2006).

Nos estudos originais, a consistência interna (alfa de Cronbach) das escalas varia entre .87 e .93, num teste-reteste a 6 meses os coeficientes de consistência interna variam entre .81 e .85, sendo valores elevados (Ryff, 1989a). Mais tarde foram realizados estudos de nível nacional (nos Estados Unidos da América), por Keys & Ryff (1995), utilizando versões curtas das escalas, que apresentaram coeficientes alfa de consistência interna baixos a moderados (.33 a .56), mas que se relacionam com o

encurtamento significativo dos itens. Segundo Bollen (1989, cit. in Keys & Ryff, 1995), o alfa de Cronbach é um coeficiente bastante conservador na estimativa da fiabilidade interna da maioria das escalas. As intercorrelações entre cada escala variam entre .13 e .46, mostrando uma independência geral moderada (sendo as escalas mais correlacionadas as de Aceitação de Si e a de Domínio do Meio,  $r = .46$ ) (Keys & Ryff, 1995).

No presente estudo, foram apenas aplicados os oito primeiros itens da versão portuguesa de 84 itens. No estudo exploratório dos resultados, verificou-se que o coeficiente alfa de Cronbach se situou no .30, apontando, claramente, que o conjunto dos 8 itens não se configura como um instrumento de medida aceitável. Observou-se o contributo de cada item para a precisão avaliada e optou-se por excluir dois itens, das escalas Domínio do Meio (item 8) e Autonomia (item 1), decidindo vir a trabalhar com seis itens, um de cada uma das dimensões avaliadas nas Escalas de Bem-Estar Psicológico, tomados como questões singulares, associadas a cada uma das seis dimensões propostas por Ryff.

### **2.3 – Procedimentos:**

A amostra da população em estudo foi obtida de acordo com os critérios definidos na secção *Participantes*. Trata-se de uma amostra de conveniência que foi obtida através da estratégia de bola de neve. Os participantes residiam nos concelhos de Caldas da Rainha, Torres Vedras e Lisboa.

A recolha da amostra foi efectuada entre os meses de Julho e Setembro de 2010, foi entregue um consentimento informado (anexo), referindo a natureza do estudo e assegurando o anonimato e confidencialidade da apresentação dos dados.

As tarefas a realizar envolviam a forma dita “papel e lápis”, mas a maioria dos participantes preferiu que fosse o psicólogo a preencher os formulários dos questionários sendo, pois, a aplicação, feita oralmente. Sempre que um item suscitava maiores dúvidas foi feita uma sucinta explicação do seu conteúdo.

#### **2.4 – Análise Estatística:**

Os dados recolhidos foram analisados com recurso ao *software* SPSS<sup>3</sup>, versões 17.0 e 19<sup>4</sup>.

Procedeu-se, em primeiro lugar, ao cálculo das frequências e média e desvio padrão, pontuação mínima e máxima - estatística descritiva - para caracterização da amostra, no que diz respeito aos dados sócio-demográficos e experiência religiosa.

Dado o reduzido tamanho da amostra optou-se, a priori, pela aplicação de testes não paramétricos, assumindo, por conseguinte, que as variáveis não assumiriam uma distribuição normal. Assim sendo, foram aplicados os testes de correlação de Spearman, de Mann-Whitney e Exacto de Fisher.

---

<sup>3</sup> *Statistical Packages for Social Sciences*

<sup>4</sup> A versão 19 é comercializada sob a designação IBM (*International Business Machines*) SPSS

## **Capítulo 3 – Resultados**

### **3.1 – Hipótese 1:**

Para testar a hipótese de que os sujeitos com maior Religiosidade Intrínseca aceitam melhor a sua vida passada, foi utilizado o teste de correlação de Spearman, que basicamente “assenta na classificação dos dados e na posterior aplicação da equação de Pearson às classificações atribuídas aos dados” (Field, 2005, p.180), equação esta, por sua vez, deriva da padronização dos resultados de covariância entre duas variáveis (Field, 2005)

O resultado obtido  $\rho = -.150$ ,  $p > .05$  indica uma correlação não significativa, com um sentido negativo, segundo Field (2005), os resultados do coeficiente de correlação de Spearman situam-se entre -1 e 1. Indicando, os valores negativos, que as variáveis têm comportamentos opostos, à medida que uma “aumenta” a outra “diminui”, o valor 0 a independência entre elas e, valores positivos, comportamento semelhante, uma correlação linear, à medida que uma variável “aumenta” a variável dependente também “aumenta” (Field, 2005).

A hipótese de que os sujeitos com maior Religiosidade Intrínseca tendem a aceitar melhor a sua vida passada não foi, assim, corroborada.

### **3.2 – Hipótese 2:**

Esta segunda hipótese direcciona-se para a relação entre a Religiosidade Intrínseca e uma maior autonomia na expressão de opiniões. Na mesma linha da hipótese anterior determinou-se o coeficiente de correlação de Spearman.

Mais uma vez denota-se uma correlação não significativa entre as variáveis,  $\rho = -.021$ ,  $p > .05$ , nesse sentido a hipótese colocada não é confirmada pelos resultados.

### 3.3 – Hipótese 3:

Esta hipótese que prevê uma relação positiva entre a Religiosidade Extrínseca Social e uma percepção mais positiva na forma como se é avaliado nas relações sociais indica o seguinte resultado do coeficiente de correlação de Spearman,  $\rho = -.126$ ,  $p > .05$ , representando uma correlação não significativa entre as variáveis, com um sentido negativo.

Desta forma a hipótese não é apoiada.

Quadro 4: Valores de correlação de Spearman (bivariada) para itens das Escalas de Bem-Estar Psicológico e escalas de Religiosidade (I/E-R):

	1.	2.	3.	4.	5.	6.	7.	8.	9.
<b>1. Item 2 – “Domínio do Meio”</b>	1								
<b>2. Item 3 – “Crescimento Pessoal”</b>	.35	1							
<b>3. Item 4 – “Relações Positivas Outros”</b>	.068	-.137	1						
<b>4. Item 5 – “Objectivos de Vida”</b>	-.206	-.081	.547**	1					
<b>5. Item 6 – “Aceitação de Si”</b>	.333	.161	.452**	.389*	1				
<b>6. Item 7 – “Autonomia”</b>	.095	.114	.190	.012	.368*	1			
<b>7. Religiosidade Intrínseca</b>	-.043	-.265	-.153	.168	<b>-.150</b>	<b>-.021</b>	1		
<b>8. Religiosidade Extrínseca Pessoal</b>	-.103	-.178	.226	.420*	-.141	.030	.405*	1	
<b>9. Religiosidade Extrínseca Social</b>	.084	-.038	<b>-.126</b>	.041	.150	-.261	.262	.075	1

\* Correlação Significativa ao nível .05 (bivariada)

\*\* Correlação Significativa ao nível .01 (bivariada)

Nota 1: Para simplificação da leitura, aos itens da Escala de Bem Estar (Ryff, 1989) deu-se a etiqueta correspondente à escala para a qual o item remete, entre aspas (“”), para lembrar que não se está a trabalhar com escalas, mas sim com itens que, no limite, remetem para a escala correspondente.

Nota 2: Os coeficientes correspondentes às hipóteses testadas estão marcados a **negrito**.

### **3.4 – Hipótese 4:**

Espera-se que homens e mulheres vivam as suas experiências religiosas de forma diferente, consideram-se as experiências religiosas as três dimensões da medida de religiosidade, a Religiosidade Intrínseca, a Religiosidade Extrínseca Pessoal e a Religiosidade Extrínseca Social.

Para verificar esta hipótese foi utilizado o teste de Mann-Whitney, que assenta mais uma vez na classificação das pontuações obtidas e na análise de diferenças de posições entre essas classificações, para dois grupos diferentes (no caso homens e mulheres) (Field, 2005).

Os resultados obtidos para a escala de Religiosidade Intrínseca é o seguinte,  $U = 109.500$ ,  $Z = -.118$ ,  $p = .906$ . Para a escala de Religiosidade Extrínseca Pessoal,  $U = 95.500$ ,  $Z = -.668$ ,  $p = .504$ . Finalmente, para a escala Extrínseca Social, tem-se  $U = 78.500$ ,  $Z = -1.385$ ,  $p = .166$ .

Todos os  $p$  são superiores a .05, o que indica diferenças não significativas. Estes resultados não apoiam a hipótese formulada para nenhuma das dimensões de religiosidade.

Quadro 5 – Média das Ordens, Soma das Ordens e valor U do Teste de Mann-Whitney relativo às diferenças entre Sexos, na pontuação das escalas de Religiosidade (I/E-R):

	Média das Ordens		Soma das Ordens		U
	Masculino	Feminino	Masculino	Feminino	
<b>Religiosidade Intrínseca</b>	17.83	17.38	160.50	434.50	109.500
<b>Religiosidade Extrínseca Pessoal</b>	19.39	16.82	174.50	420.50	95.500
<b>Religiosidade Extrínseca Social</b>	21.28	26.14	191.50	403.50	78.500

Nota: n(Masculino)=9; n(Feminino)=25.

### 3.5 – Hipótese 5:

Neste ponto pretende-se verificar se homens e mulheres têm uma participação distinta em cultos religiosos. Para testar esta hipótese foi utilizada a questão 8.1 do questionário sócio-demográfico, que avalia a frequência temporal de participação nos referidos cultos.

Como se está perante dados organizados por categorias (no caso, Diária/Semi-Diária, Semanal, Algumas vezes por mês e Ocasional) e uma amostra de pequenas dimensões, utiliza-se o teste Exacto de Fisher.

O resultado obtido,  $\Phi = .448$  é significativo a  $p < .05$ , sendo as mulheres que apresentam maior frequência de participação (quadro 11).

Os resultados apoiam a hipótese, note-se todavia, que com uma amostra deste tamanho nos podemos referir apenas a tendências.

Quadro 6 – Tabela de frequências cruzadas para as categorias Sexo e Participação em Cultos Religiosos:

	Frequência de Participação em Cultos Religiosos			TOTAL
	Diária/Semi-diária	Semanal	Ocasional	
<b>Masculino</b>	4	1	3	8
<b>Feminino</b>	15	8	1	24
	19	9	4	32

### 3.6 – Hipótese 6:

Pretende-se com esta hipótese verificar se a magnitude de experiências religiosas se associa à idade, entendendo-se por experiências religiosas as dimensões da escala de religiosidade, tal como na hipótese 4.

Foi determinado o coeficiente de correlação de Spearman, os resultados obtidos indicam  $\rho = -.073$ ,  $p > .05$ , para a dimensão Intrínseca,  $\rho = .03$ ,  $p > .05$ , para a dimensão Extrínseca Pessoal e  $\rho = .10$ ,  $p > .05$  para a dimensão Extrínseca Social. Nenhum dos resultados é significativo, ao nível de significância considerado.

Os resultados não confirmam as hipóteses para qualquer das três dimensões.

Quadro 7 – Valores de correlação de Spearman (bivariada) para a idade (em anos) e escalas de Religiosidade (I/E-R)1:

	1.	2.	3.	4.
<b>1. Idade</b>	1			
<b>2. Religiosidade Intrínseca</b>	-.073	1		
<b>3. Religiosidade Extrínseca Pessoal</b>	.034	.405*	1	
<b>4. Religiosidade Extrínseca Social</b>	.103	.262	.075	1

\* Correlação significativa ao nível .05 (bivariada)

## **Capítulo 4 – Discussão dos Resultados:**

### **4.1 – Relação entre as dimensões de Religiosidade e indicadores de Bem-Estar Psicológico:**

Na primeira hipótese esperava-se encontrar uma associação positiva entre a Religiosidade Intrínseca e uma melhor aceitação da vida passada, na segunda uma associação entre a referida dimensão de religiosidade e uma maior autonomia na expressão das opiniões, tendo em conta o teor dos itens, no que diz respeito às escalas a que pertencem nas Escalas de Bem-Estar Psicológico de Ryff, Aceitação de Si e Autonomia. Os resultados não demonstraram correlações significativas, o que não vai ao encontro das hipóteses formuladas.

A não confirmação das hipóteses, entra, deste modo, em contradição com algumas referências bibliográficas e, mesmo, com os próprios conceitos subjacentes à dimensão de religiosidade considerada, segundo diversos autores. O conceito de Religiosidade Intrínseca está ligado, segundo os seus autores, a uma forma de religiosidade associada com procura de significado, unidade, transcendência e busca do máximo do potencial humano (i.e. Allport, 1966; Allport & Ross, 1967; ambos cit. *in* Maltby, 1999; Pargament, 1999). Deste modo, esperar-se-ia que esta dimensão de Religiosidade se relacionasse com posturas mais aceitantes de si próprio e mais autónomas, até porque a definição de Religiosidade Intrínseca está muito associada à definição da dimensão Autonomia, segundo Ryff (1989a), ao qual pertence o item relacionado com a expressão de opiniões pessoais.

No que diz respeito à maior aceitação da vida passada, que, como foi referido, remete para a Aceitação de Si, há a comentar que determinadas formas de religiosidade

podem prejudicar esta e outras dimensões, nomeadamente formas de *coping* religioso negativo (i.e. Pargament, Koenig, Tarakeshwar & Hahn, 2003 cit. in Pargament & Ano, 2004). Conflitos destacados pelos investigadores associam-se ao plano da relação com Deus, mas facilmente se pode entender que esse tipo de relação com o sagrado, eventualmente inquinada, possa passar para o plano pessoal. Pese, contudo, que, na generalidade, a Religiosidade Intrínseca se relaciona com formas positivas de *coping*, por isso se teria esperado que esse *coping* positivo funcionasse, sincronicamente, ao nível da relação com o próprio, quer no plano do presente, quer a partir de uma retrospectiva da vida passada.

Deve ser destacado o facto de, no presente trabalho, ter sido encontrada uma correlação positiva significativa (ao nível .05) entre o item que remete para a escala de Autonomia e o item que remete para a escala de Aceitação de Si, o que parece ir ao encontro de formulações, já citadas, sobre estas duas dimensões do bem-estar psicológico.

Com a terceira hipótese, esperava-se encontrar uma associação positiva entre a dimensão de Religiosidade Extrínseca Social e uma percepção mais positiva da forma como se é avaliado a nível social; para isso correlacionou-se a referida dimensão com um item que questiona se a maioria das pessoas consideram o respondente uma pessoa querida e afectuosa. Este item pertence à escala de Relações Positivas com os Outros (Ryff, 1989a). A hipótese, como já foi indicado, não foi apoiada pelos resultados, mais uma vez. Justifica-se a colocação desta hipótese com base em estudos que referem que a religiosidade em adultos mais velhos “se correlaciona positivamente com a frequência e qualidade das interacções familiares intergeracionais” (King & Elder, 1999; Pearce & Axinn, 1998; cit. in Wink & Dillon, 2008, p.103), assim como “têm tendencialmente

redes de convívio mais alargadas e apoiantes” (Elison & George, 1994 cit. *in* Wink & Dillon, 2008, p.103), além de que “têm maior tendência a envolverem-se em tarefas de voluntariado e cuidado” (i.e. Putnam, 2000; Rossi, 2001 cit. *in* Wink & Dillon, 2008, p.103). Esperava-se, por isso, que a qualidade de relações interpessoais estivesse de acordo com a percepção mais positiva da forma como se é avaliado, nessas mesmas relações, porém os dados não confirmaram esta hipótese.

Das três hipóteses que relacionam dimensões de religiosidade com itens direccionados a dimensões de Bem-Estar Psicológico, nenhuma revela correlações significativas, mas, tendo em conta o reduzido tamanho da amostra, qualquer correlação significativa, apenas indicaria uma tendência, além de que, essa mesma amostra, não é representativa da população. Devo ressaltar outro ponto, muito importante, que será desenvolvido mais à frente, o facto das medidas não serem as mais adequadas, especialmente a medida de religiosidade que foi assumida como tal no seu todo, com as suas três dimensões, apesar do coeficiente de consistência interna estar aquém do satisfatório (recorde-se,  $r=.42$ ) e das diversas críticas feitas a determinados itens, pela investigação que tem sido empreendida (i.e. Maltby, 1999). Além disso, ao usar apenas um item de cada uma das 6 Escalas de Bem-Estar Psicológico, não poderia, esse mesmo item, ser uma boa medida da dimensão em causa.

#### **4.2 – A experiência religiosa, o Sexo e a Idade:**

As restantes três hipóteses, com um carácter mais exploratório, pretendem entender associações entre o sexo e cada uma das três dimensões da experiência religiosa, o sexo e a participação em cultos religiosos e, finalmente, a idade e cada uma das dimensões da experiência religiosa.

Para a hipótese que relaciona o sexo com cada uma das dimensões da experiência religiosa não se verificou diferenças significativas para cada uma delas, indicando uma tendência para uma vivência semelhante de cada uma das dimensões, nos homens e nas mulheres. Já no que diz respeito à participação em cultos religiosos, onde se cruzou a variável sexo com a frequência de participação em cultos religiosos, questão 8.1 do questionário sócio-demográfico, observou-se uma diferença significativa, sendo as mulheres as que tendem a participar mais em cultos religiosos. Finalmente, não foram reveladas diferenças significativas no que diz respeito à idade e à forma como são vividas as dimensões de experiência religiosa.

Não foi possível ter acesso a estudos anteriores que tratem estes pontos, no entanto, para a questão dos cultos religiosos, a maior participação do sexo feminino parece ser evidente, a nível empírico, nomeadamente através da observação naturalista dos cultos religiosos. Parece pois importante conhecer dados estatísticos sobre essas realidades, para caracterizar diferenças em termos de indicadores demográficos e experiência religiosa.

Ao interpretar estes dados é muito importante ter em conta, além da reduzida dimensão da amostra e das qualidades psicométricas da medida de religiosidade, as assimetrias que existem entre sexos,  $n=25$  para o sexo Feminino e  $n=9$  para o sexo Masculino, assim como a distribuição etária, com predominância para a faixa dos 60 aos 70 anos,  $n=22$ .

## Capítulo 5 – Conclusões, Limitações e Implicações

A quase totalidade das formulações estabelecidas no presente trabalho não foram corroboradas, destaquem-se aquelas que se relacionavam com o objectivo principal deste trabalho a relação entre a religiosidade, ou dimensões desta, com componentes do Bem-Estar Psicológico (Ryff, 1989a). O único ponto confirmado, por este trabalho, foi uma tendência para uma diferente participação, em cultos religiosos, por parte de homens e mulheres, com maior participação por parte das mulheres, que se assume como uma constatação comum, na observação naturalista, e que parece confirmar-se neste estudo, contudo não se podem afirmar mais que meras tendências.

Este estudo revela todas as fragilidades que ainda existem quando se pretende estudar uma temática como a religiosidade ao nível do nosso país, com uma amostra de adultos mais velhos que, do ponto de vista da experiência religiosa, parece caracterizar-se por uma certa homogeneidade.

Sabendo que em Portugal ainda predomina uma religiosidade assente na institucionalização Católica (i.e. Arroyo Menéndez, 2007), seria importante, também, entender o impacto que as mudanças vividas a nível da Igreja Católica, enquanto instituição, ao longo do último meio século, produto em grande parte do Concílio Vaticano II, tiveram, uma vez que, numa ritualização baseada na tradição e na rotina, cada vez mais se oferecem aos fiéis modos de entender a sua fé - a Bíblia passou a ser um livro ao acesso de todos, cada vez mais se promovem os estudos bíblicos no seio das paróquias, movimentos surgidos na segunda metade do século XX, como os Cursinhos de Cristandade, o Caminho Neocatecumenal ou o Renovamento Carismático, especialmente este último, com grande impacto ao nível da vivência dos rituais e da

forma de relação com o sagrado e o divino, nomeadamente entender Deus como uma entidade de amor e não como um elemento castrador e castigador, muito baseada na importância do crescimento pessoal, do estabelecimento de relações positivas com os outros e uma postura de fé não só baseada na procura de consolo e protecção, mas também na gratidão e na orientação para a acção (i.e. Suenens & McDonnell, 1999). Para abarcar esta perspectiva, certamente que se teria que trabalhar com uma amostra de maiores dimensões, de várias faixas etárias, e com acesso a alguma educação/formação, actualizada, dentro da religião.

As medidas utilizadas, no presente trabalho, não se revelaram adequadas. Notem-se os coeficientes alfa. A pretensa medida de bem-estar não pode ser, verdadeiramente, assumida como tal, pois cada um dos itens utilizados não parece configurar uma medida aceitável, apesar de pertencerem às escalas cujas dimensões se pretenderam explorar. No que diz respeito à medida de religiosidade, levantam-se muitas questões. Para além do coeficiente alfa baixo, existem alguns itens que se configuram como ambíguos, por exemplo, “Faço um grande esforço para viver de acordo com a minha religião”. Sendo este item uma medida de Religiosidade Intrínseca, contribui para esta dimensão uma resposta no sentido positivo, ou seja, de se fazer um grande esforço, no entanto, recorde-se que, para algumas pessoas, viver de acordo com a sua religião pode ser visto como algo que não carece de grande esforço, sem que contudo isso prejudique a intensidade da sua experiência interna religiosa.

Apesar dos resultados não terem satisfeito as hipóteses, espera-se que, com este trabalho, se tenha lançado o repto para investigações mais aprofundadas, na área da Psicologia, sobre temáticas relacionadas com a Religiosidade e, conseqüentemente, a

sua relação com outras variáveis, como é o caso do Bem-Estar Psicológico e a saúde mental.

## **Bibliografia:**

Arroyo Menéndez, M. (2007). Religiosidade e valores em Portugal: comparação com a Espanha e a Europa católica. *Análise Social*, XLII(184), 757-787.

Barbour, I. G. (2000). *When science meets religion: Enemies, strangers, or partners?*. New York: Harper San Francisco.

Brelsford, G. M., Marinelli, S., Ciarrochi, J. W., & Dy-Liacco, G. S. (2009). Generativity and Spiritual Disclosure in Close Relationships. *Psychology of Religion and Spirituality*, 1(3), 150-161.

Cheng, S. T., Fung, H. H., & Chan, A.C. (2009). Self-perception and psychological well-being: The benefits of foreseeing a worse future. *Psychology and Aging*, 24(3), 623-633.

Couto, J. F., Araújo, R., Silva, V., Silva, V., & Fernandes, H. M. (2010). O Impacto da actividade física nas relações interpessoais. *Actas do VII Simpósio Nacional de Investigação em Psicologia*. Braga, Portugal: Universidade do Minho.

Diener, E., (1984). Subjective well-being. *Psychological Bulletin*, 95, 542-575.

Field, A.P. (2005). *Discovering statistics using SPSS: and sex drugs and Rock 'n' Roll (2<sup>nd</sup> Edition)*. London: Sage.

Frazier, C., Mintz, L. B., & Mobley, M. (2005). A multidimensional look at religious involvement and psychological well-being among urban elderly African Americans. *Journal of Counseling Psychology*, 52(4), 583-590.

Galinha, I., & Pais Ribeiro, J. L. (2005). História do conceito de bem-estar subjectivo. *Psicologia, Saúde & Doenças*, 6(2), 203-214. Lisboa: Sociedade Portuguesa de Psicologia da Saúde.

Hill, P.C., & Pargament, K.I. (2003). Advances in the Conceptualization and Measurement of Religion and Spirituality – Implications for Physical and Mental Health Research. *American Psychologist*, 58(1), 64-74.

Instituto Nacional de Estatística (2010). População residente (N.º) por Local de residência, Sexo e Grupo etário (Por ciclos de vida). *Anuais INE, Estimativas Anuais da População Residente – Maio de 2010*.  
[http://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine\\_indicadores&indOcorrCod=0000611&contexto=pi&selTab=tab0](http://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_indicadores&indOcorrCod=0000611&contexto=pi&selTab=tab0), página Web consultada a 31 de Julho de 2010.

Instituto Nacional de Estatística (2010). Índice de envelhecimento (N.º) por Local de residência. *Anuais INE, Estimativas Anuais da População Residente – Junho de 2010*.  
[http://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine\\_indicadores&indOcorrCod=0004165&contexto=bd&selTab=tab2](http://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_indicadores&indOcorrCod=0004165&contexto=bd&selTab=tab2), página Web consultada a 31 de Julho de 2010.

Keys, C. L., Shmotkin, D., & Ryff, C. D. (2002). Optimizing well-being: The empirical encounter of two traditions. *Journal of Personality and Social Psychology*, 82(6), 1007-1022.

Lawler-Row, K. A. (2010) Forgiveness as a mediator of the religiosity – Health relationship. *Psychology of Religion and Spirituality*, 2(1), 1-16.

Leite, A., Paúl, C., & Sequeiros, J. (2002). O bem-estar psicológico em indivíduos de risco para doenças neurológicas hereditárias de aparecimento tardio e controlos.

*Psicologia, Saúde & Doenças*, 2(2), 113-118. Lisboa: Sociedade Portuguesa de Psicologia da Saúde.

Maltby, J. (1999) The internal structure of a derived, revised, and amended measure of the Religious Orientation Scale: The 'Age-Universal' I-E scale 12. *Social Behaviour and Personality*, 27, 407-412.

Miller, W. R., & Thoresen, C. E. (2003). Spirituality, religion, and health – An emerging research field. *American Psychologist*, 58(1), 24-35.

Miller, W. R., & Delaney, H. D. (Eds.). (2005). *Judeo-Christian perspectives on psychology: Human nature, motivation, and change*. Washington, DC: American Psychological Association.

Miguel, J. M., Moral, J. C., & Pardo, E. N. (2008). Modelos factoriales confirmatorios de las escalas de Ryff en una muestra de personas mayores. *Psicothema*, 20(2), 304-310.

Moberg, D. O. (2008). Disabilities, spirituality, and well-being in late life: Research foundations for study and practice. *Journal of Religion, Spirituality & Aging*, 20(4), 313-340.

Novo, R., Duarte Silva, M. E., & Peralta, E. (1997). O bem-estar psicológico em adultos: estudo das características psicométricas da versão portuguesa das Escalas de C. Ryff. In L. S. Almeida, S. Araújo, M. M. Gonçalves, C. Machado & M. Simões (Eds.), *Avaliação Psicológica: Formas e Contextos, Vol. IV* (pp. 319-323). Braga: APPORT.

Pargament, K. I. (1999). The psychology of religion and spirituality? Yes and No. *The International Journal for the Psychology of Religion*, 9(1), 3-16.

Pargament, K. I. (2002). The bitter and the sweet: An evaluation of the costs and benefits of religiousness. *Psychological Inquiry*, 13(3), 168-181.

Pargament, K. I., & Ano, G.G. (2004). Empirical advances in the psychology of religion and coping. In K. W. Schaie, N. Krause, & A. Booth (Eds.), *Religious influences on health and well-being in the elderly* (pp. 114-140). New York: Springer Publishing Company, Inc.

Ryff, C. D. (1989a). Happiness is everything, or is it? Explorations on the meaning of psychological well-being. *Journal of Personality and Social Psychology*, 57(6), 1069-1081.

Ryff, C. D. (1989b). In the eye of the beholder: Views of psychological well-being among middle-aged and older adults. *Psychology and Aging*, 4(2), 195-210.

Ryff, C. D., & Keys, C. L. (1995). The structure of psychological well-being revisited. *Journal of Personality and Social Psychology*, 69(4), 719-727.

Ryff, C. D., & Singer, B. H. (2006). Best news yet on the six-factor model of well-being. *Social Science Research*, 35, 1103-1119.

Seeman, T. E., Dubin, L. F., & Seeman, M. (2003). Religiosity/Spirituality and health – A critical review of the evidence for biological pathways. *American Psychologist*, 58(1), 53-63.

Suenens, L-J., & McDonnell, K. (1999). *O renascimento carismático católico: orientações teológicas e pastorais : documento de Malines 1*. Lisboa: Pneuma.

Smith, D. P., & Orlinsky, D. E. (2004). Religious and spiritual experience among psychotherapists. *Psychotherapy: Theory, Research, Practice, Training*, 41(2), 144-151.

Springer, K. W., & Hauser, R.M. (2006). An assessment of the construct validity of Ryff's scales of psychological well-being: Method, mode, and measurement effects. *Social Science Research*, 35, 1080-1102.

Springer, K. W., Hauser, R. M., & Freese, J. (2006). Bad news indeed for Ryff's six-factor model of well-being. *Social Science Research*, 35, 1120-1131.

Tummala-Narra, P. (2009). The relevance of a psychoanalytic perspective in exploring religious and spiritual identity in psychotherapy. *Psychoanalytic Psychology*, 26(1), 83-95.

Weiss, D., & Lang, F. R. (2009). Thinking about my generation: adaptative effects of a dual age identity in later adulthood. *Psychology and Aging*, 24(3), 729-734.

Wink, P., & Dillon, M. (2008). Religiousness, spirituality, and psychosocial functioning in late adulthood: Findings from a longitudinal study. *Psychology of Religion and Spirituality*, 5(1), 102-115.

**Anexos:**

A – Consentimento Informado

B – Questionário sócio-demográfico

C – *Outputs* SPSS

1 – Estatística Descritiva: Idade e Sexo

2 – Frequências: Dados Sócio-Demográficos

3 – Frequências: Experiência Religiosa (Questionário Sócio-Demográfico)

4 – Estatística Descritiva: Escala de Orientação Religiosa-R, I/E-R

5 – Consistência Interna (coeficiente alfa): Escala de Orientação Religiosa-R,  
I/E-R (ítems)

6 – Consistência Interna (coeficiente alfa): Escala de Orientação Religiosa-R,  
I/E-R (escalas)

7 – Estatística Descritiva e Frequências: Itens Bem-Estar Psicológico

8 – Consistência Interna (coeficiente alfa): Itens de Bem-Estar Psicológico (oito  
itens)

9 – Consistência Interna (coeficiente alfa): Itens de Bem-Estar Psicológico (seis  
itens)

10 – Correlações (Spearman) entre os itens de Bem-Estar Psicológico e as  
escalas de Religiosidade (I/E-R)

11 – Correlações (Spearman) entre a idade (em anos) e as escalas de Religiosidade (I/E-R)

12 – Correlações (Spearman) entre a frequência (temporal) de participação em cultos religiosos, o grau de importância atribuído à religião e as escalas de Religiosidade (I/E-R)

13 – Teste de Mann-Whitney relativo às diferenças entre Sexos, na pontuação dos itens de Bem-Estar Psicológico e das escalas de Religiosidade (I/E-R)

14 – Teste de Mann-Whitney relativo às diferenças entre quem frequentou formação religiosa inicial (i.e. Catequese) e quem não frequentou, na pontuação das escalas de Religiosidade (I/E-R)

15 – Teste de Mann-Whitney relativo às diferenças entre quem realiza o sacramento da Reconciliação/Confissão e quem não realiza, na pontuação das escalas de Religiosidade (I/E-R)

16 – Teste de Mann-Whitney relativo às diferenças entre quem faz parte de movimentos ou obras paroquiais e quem não faz parte, na pontuação das escalas de Religiosidade (I/E-R)

17 – Teste Exacto de Fisher relativo às diferenças entre Sexos, na frequência de participação em cultos em cultos religiosos

18 – Teste Exacto de Fisher relativo às diferenças entre Sexos, na frequência (temporal) de realização do sacramento da Reconciliação/Confissão

19 – Teste Exacto de Fisher relativo às diferenças entre Sexos, no grau de importância atribuído à religião



## **Consentimento Informado**

O meu nome é Francisco Maria de Sousa Rodrigues e estou a realizar uma dissertação no âmbito do Mestrado Integrado em Psicologia, secção de Psicologia Clínica e da Saúde, na Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa.

As temáticas abordadas relacionam-se com a Religiosidade, Bem-Estar Psicológico e Envelhecimento.

Solicita-se, deste modo, a sua participação através da resposta a três pequenos questionários. Não existem respostas correctas ou incorrectas, o importante é que elas reflectam a sua experiência.

Os dados recolhidos serão tratados e apresentados com total confidencialidade e anonimato.

Ao responder a estes questionários, declara ter 60 ou mais anos de idade, que tomou conhecimento das indicações dadas anteriormente e que aceita colaborar livre e voluntariamente nesta investigação.

Muito Obrigado pela sua colaboração

Lisboa, 01 de Julho de 2010

(Francisco Maria de Sousa Rodrigues)

## Questionário sobre a Experiência Religiosa

Nome \_\_\_\_\_

Idade \_\_\_\_ Sexo \_\_\_\_ Estado Civil \_\_\_\_\_

Escolaridade \_\_\_\_\_

Profissão \_\_\_\_\_

Reformado: Sim \_\_\_\_ Não \_\_\_\_

Filhos: Sim \_\_\_\_ Quantos? \_\_\_\_ Não \_\_\_\_

Vive só: Sim \_\_\_\_ Não \_\_\_\_

O presente questionário pretende averiguar factos relacionados com a experiência Religiosa, ao longo da vida.

Coloque uma cruz na resposta que se lhe aplica.

### Experiência Religiosa:

#### 1 – Tem alguma filiação religiosa?

Sim \_\_\_\_ Qual? \_\_\_\_\_

Não \_\_\_\_

#### 2 – É baptizado/realizou ritual de iniciação religiosa?

Sim \_\_\_\_ Não \_\_\_\_

**3 – Teve educação religiosa no contexto da família?**

Sim \_\_\_\_ Não \_\_\_\_

**3.1 – Frequentou a Catequese/Doutrina ou Formação religiosa inicial equivalente de religião Não-Católica?**

Sim \_\_\_\_ Não \_\_\_\_

**3.1.1 – Se respondeu sim em 3.1.**

**Em que período etário (em que idade) recebeu essa instrução?**

Infância/Adolescência \_\_\_\_

Entre os 20 e os 40 anos \_\_\_\_

Entre os 40 e os 60 anos \_\_\_\_

Depois dos 60 anos \_\_\_\_

**4 – Além do Batismo, que Sacramentos da Iniciação Cristã realizou? (Válida para contexto Católico Romano)**

1ª Comunhão \_\_\_\_

Crisma/Confirmação \_\_\_\_

**5 – Se casado/a, casou por via religiosa?**

Sim \_\_\_\_ Não \_\_\_\_

**6 – Se tem filhos, transmitiu-lhes educação religiosa?**

Sim \_\_\_\_ Não \_\_\_\_

**6.1 – Os seus filhos frequentaram a Catequese/Doutrina ou Formação religiosa inicial equivalente?**

Sim \_\_\_\_ Não \_\_\_\_

**7 – Tem hábitos de oração?**

Sim \_\_\_\_ Não \_\_\_\_ (Passe à questão 11)

**7.1 Com que frequência?**

Diária/Semi-diária (Várias vezes por semana) \_\_\_\_

Semanal \_\_\_\_

Ocasional (Menos que uma vez por semana) \_\_\_\_

**8 – Frequenta celebrações religiosas?**

Sim \_\_\_\_ Não \_\_\_\_

**8.1 – Se respondeu “sim”. Com que frequência?**

Diária/Semi-diária \_\_\_\_

Semanal \_\_\_\_

Algumas vezes por mês \_\_\_\_

Ocasional \_\_\_\_

**9 – Realiza o Sacramento da Reconciliação (confessar-se)?**

Sim \_\_\_\_ Não \_\_\_\_

**9.1 – Se respondeu sim. Com que frequência?**

Várias vezes por mês \_\_\_\_

Uma vez por mês \_\_\_\_

Várias vezes por ano (menos de uma vez por mês, isto é, pelo menos de dois em dois meses) \_\_\_\_

Anual ou Antes de Períodos Festivos (Natal, Páscoa) \_\_\_\_

**10 – Pertence a alguma obra ou movimento paroquial?**

Sim \_\_\_\_ Qual? \_\_\_\_\_

Não \_\_\_\_

**11 – Como classifica a importância da religião na sua vida?**

Indiferente \_\_\_\_

Pouco Importante \_\_\_\_

Importante \_\_\_\_

Muito Importante \_\_\_\_

**C – Outputs SPSS:**

**1 – Estatística Descritiva: Idade e Sexo:**

**Descriptive Statistics**

	N	Minimum	Maximum	Mean	Std. Deviation
Idade em anos	34	60	88	67,53	6,611
Valid N (listwise)	34				

**Descriptives**

Sexo			Statistic	Std. Error
Idade em anos	masculino	Mean	66,78	1,801
		95% Confidence Interval for Mean		
		Lower Bound	62,62	
		Upper Bound	70,93	
		5% Trimmed Mean	66,70	
		Median	67,00	
		Variance	29,194	
		Std. Deviation	5,403	
		Minimum	60	
		Maximum	75	
		Range	15	
		Interquartile Range	11	
		Skewness	,212	,717
		Kurtosis	-1,471	1,400
	feminino	Mean	67,80	1,415
		95% Confidence Interval for Mean		
		Lower Bound	64,88	
		Upper Bound	70,72	
		5% Trimmed Mean	67,17	
		Median	66,00	
		Variance	50,083	
		Std. Deviation	7,077	
		Minimum	60	
		Maximum	88	
		Range	28	
		Interquartile Range	9	
		Skewness	1,306	,464
		Kurtosis	1,779	,902

## 2 – Frequências: Dados Sócio-Demográficos:

### Statistics

		Sexo	Estado civil	Número de anos/escolaridade	Profissão	Reformado	Tem filhos	Vive só
N	Valid	34	34	34	34	34	34	34
	Missing	0	0	0	0	0	0	0

### Sexo

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Masculino	9	26,5	26,5	26,5
	Feminino	25	73,5	73,5	100,0
	Total	34	100,0	100,0	

### Estado civil

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Solteiro	2	5,9	5,9	5,9
	Casado	22	64,7	64,7	70,6
	Viúvo	8	23,5	23,5	94,1
	Divorciado	2	5,9	5,9	100,0
	Total	34	100,0	100,0	

**Número de anos/escolaridade**

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	0	1	2,9	2,9	2,9
	3	3	8,8	8,8	11,8
	4	21	61,8	61,8	73,5
	9	3	8,8	8,8	82,4
	7ºano	2	5,9	5,9	88,2
	curso médio	2	5,9	5,9	94,1
	Licenciatura	2	5,9	5,9	100,0
	Total	34	100,0	100,0	

**Profissão**

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Técnicos e Profissionais de nível intermédio	6	17,6	17,6	17,6
	Pessoal Administrativo e Similares	3	8,8	8,8	26,5
	Pessoal dos Serviços e Vendedores	7	20,6	20,6	47,1
	Agricultores e Trabalhadores Qualificados da Agricultura e Pescas	3	8,8	8,8	55,9
	Operários, Artífices e Trabalhadores Similares	6	17,6	17,6	73,5
	Trabalhadores não qualificados	9	26,5	26,5	100,0
	Total	34	100,0	100,0	

**Reformado**

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Reformado	27	79,4	79,4	79,4
	Activo	7	20,6	20,6	100,0
	Total	34	100,0	100,0	

**Tem filhos**

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Tem filhos	31	91,2	91,2	91,2
	Não tem filhos	3	8,8	8,8	100,0
	Total	34	100,0	100,0	

**Vive só**

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Vive só	7	20,6	20,6	20,6
	Não vive só	27	79,4	79,4	100,0
	Total	34	100,0	100,0	

**Statistics**

Meio ecológico

N	Valid	34
	Missing	0

**Meio ecológico**

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	rural	19	55,9	55,9	55,9
	urbano	15	44,1	44,1	100,0
	Total	34	100,0	100,0	

### 3 – Frequências: Experiência Religiosa (Questionário Sócio-Demográfico):

**Statistics**

	N	
	Valid	Missing
Quest Exp Religiosa 1	34	0
Quest Exp Religiosa 2	34	0
Quest Exp Religiosa 3	34	0
Quest Exp Religiosa 3_1	34	0
Quest Exp Religiosa 3-1-1	34	0
Quest Exp Religiosa 4	34	0
Quest Exp Religiosa 5	34	0
Quest Exp Religiosa 6	34	0
Quest Exp Religiosa 6_1	34	0
Quest Exp Religiosa 7	34	0
Quest Exp Religiosa 7_1	34	0
Quest Exp Religiosa 8	34	0
Quest Exp Religiosa 8_1	34	0
Quest Exp Religiosa 9	34	0
Quest Exp Religiosa 9_1	34	0
Quest Exp Religiosa 10	34	0
Quest Exp Religiosa 11	34	0

**Statistics**

	N	
	Valid	Missing
Quest Exp Religiosa 3_1	34	0
Quest Exp Religiosa 3-1-1	27	7
Quest Exp Religiosa 6_1	31	3
Quest Exp Religiosa 7_1	33	1
Quest Exp Religiosa 8_1	32	2
Quest Exp Religiosa 9_1	26	8
Quest Exp Religiosa 11	34	0

**Quest Exp Religiosa 1**

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	sim	31	91,2	91,2	91,2
	não	3	8,8	8,8	100,0
	Total	34	100,0	100,0	

**Quest Exp Religiosa 2**

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	sim	34	100,0	100,0	100,0

**Quest Exp Religiosa 3**

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	sim	34	100,0	100,0	100,0

**Quest Exp Religiosa 3\_1**

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	sim	27	79,4	79,4	79,4
	não	7	20,6	20,6	100,0
	Total	34	100,0	100,0	

**Quest Exp Religiosa 3-1-1**

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	0	7	20,6	20,6	20,6
	Inf/Ado	26	76,5	76,5	97,1
	>40<61 anos	1	2,9	2,9	100,0
	Total	34	100,0	100,0	

**Quest Exp Religiosa 4**

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	1ª comunhão	6	17,6	17,6	17,6
	crisma	28	82,4	82,4	100,0
	Total	34	100,0	100,0	

**Quest Exp Religiosa 5**

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	0	2	5,9	5,9	5,9
	sim	32	94,1	94,1	100,0
	Total	34	100,0	100,0	

**Quest Exp Religiosa 6**

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	0	3	8,8	8,8	8,8
	sim	30	88,2	88,2	97,1
	não	1	2,9	2,9	100,0
	Total	34	100,0	100,0	

**Quest Exp Religiosa 6\_1**

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	0	3	8,8	8,8	8,8
	sim	29	85,3	85,3	94,1
	não	2	5,9	5,9	100,0
	Total	34	100,0	100,0	

**Quest Exp Religiosa 7**

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	sim	33	97,1	97,1	97,1
	não	1	2,9	2,9	100,0
	Total	34	100,0	100,0	

**Quest Exp Religiosa 7\_1**

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	0	1	2,9	2,9	2,9
	diária	32	94,1	94,1	97,1
	Ocasional	1	2,9	2,9	100,0
	Total	34	100,0	100,0	

**Quest Exp Religiosa 8**

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	sim	32	94,1	94,1	94,1
	não	2	5,9	5,9	100,0
	Total	34	100,0	100,0	

**Quest Exp Religiosa 8\_1**

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	0	2	5,9	5,9	5,9
	diária	19	55,9	55,9	61,8
	semanal	9	26,5	26,5	88,2
	Ocasional	4	11,8	11,8	100,0
	Total	34	100,0	100,0	

**Quest Exp Religiosa 9**

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	sim	26	76,5	76,5	76,5
	não	8	23,5	23,5	100,0
	Total	34	100,0	100,0	

**Quest Exp Religiosa 9\_1**

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	0	8	23,5	23,5	23,5
	várias vezes/mês	1	2,9	2,9	26,5
	uma vez/mês	8	23,5	23,5	50,0
	várias vezes/ano	8	23,5	23,5	73,5
	anual/festivo	9	26,5	26,5	100,0
	Total	34	100,0	100,0	

**Quest Exp Religiosa 10**

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	sim	19	55,9	55,9	55,9
	não	15	44,1	44,1	100,0
	Total	34	100,0	100,0	

**Quest Exp Religiosa 11**

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Indiferente	1	2,9	2,9	2,9
	pouco importante	3	8,8	8,8	11,8
	Importante	3	8,8	8,8	20,6
	muito importante	27	79,4	79,4	100,0
	Total	34	100,0	100,0	

#### 4 – Estatística Descritiva: Escala de Orientação Religiosa-R, I/E-R:

Descriptive Statistics					
	N	Minimum	Maximum	Mean	Std. Deviation
Orientação Religiosa 1 I	34	2	5	4,68	,878
Orientação Religiosa 2 Es	34	1	5	1,74	,963
Orientação Religiosa 3 I	34	1	5	2,38	1,498
Orientação Religiosa 4 I	34	2	5	4,71	,799
Orientação Religiosa 5 I	34	2	5	4,68	,727
Orientação Religiosa 6 Ep	34	1	5	3,50	1,420
Orientação Religiosa 7 I	34	1	5	2,91	1,764
Orientação Religiosa 8 Ep	34	1	5	3,18	1,585
Orientação Religiosa 9 Ep	34	2	5	4,26	,963
Orientação Religiosa 10 I	34	1	5	2,65	1,631
Orientação Religiosa 11 Es	34	1	5	1,35	,774
Orientação Religiosa 12 I	34	1	5	4,26	,994
Orientação Religiosa 13 Es	34	1	2	1,26	,448
Orientação Religiosa 14 I	34	1	5	2,03	1,381
Experiência Intrínseca	34	24	35	28,44	2,904
Exp Extrínseca-social	34	3	12	4,32	1,736
Exp Extrínseca-pessoal	34	5	15	10,88	3,226
Total Orientação Religiosa	34	32	55	43,65	5,789
Valid N (listwise)	34				

## 5 – Consistência Interna (coeficiente alfa): Escala de Orientação Religiosa-

**R, I/E-R (ítems):**

**Case Processing Summary**

		N	%
Cases	Valid	34	100,0
	Excluded <sup>a</sup>	0	,0
	Total	34	100,0

a. Listwise deletion based on all variables in the procedure.

**Reliability Statistics**

Cronbach's Alpha	N of Items
,419	14

**Item Statistics**

	Mean	Std. Deviation	N
Orientação Religiosa 1 I	4,68	,878	34
Orientação Religiosa 2 Es	1,74	,963	34
Orientação Religiosa 3 I	2,38	1,498	34
Orientação Religiosa 4 I	4,71	,799	34
Orientação Religiosa 5 I	4,68	,727	34
Orientação Religiosa 6 Ep	3,50	1,420	34
Orientação Religiosa 7 I	2,91	1,764	34
Orientação Religiosa 8 Ep	3,18	1,585	34
Orientação Religiosa 9 Ep	4,26	,963	34
Orientação Religiosa 10 I	2,65	1,631	34
Orientação Religiosa 11 Es	1,35	,774	34
Orientação Religiosa 12 I	4,26	,994	34
Orientação Religiosa 13 Es	1,26	,448	34
Orientação Religiosa 14 I	2,03	1,381	34

**Item-Total Statistics**

	Scale Mean if Item Deleted	Scale Variance if Item Deleted	Corrected Item- Total Correlation	Cronbach's Alpha if Item Deleted
Orientação Religiosa 1 I	38,91	33,962	-,189	,469
Orientação Religiosa 2 Es	41,85	29,766	,200	,388
Orientação Religiosa 3 I	41,21	31,138	-,035	,464
Orientação Religiosa 4 I	38,88	33,683	-,165	,460
Orientação Religiosa 5 I	38,91	34,325	-,242	,468
Orientação Religiosa 6 Ep	40,09	21,780	,679	,187
Orientação Religiosa 7 I	40,68	22,286	,444	,261
Orientação Religiosa 8 Ep	40,41	21,886	,566	,216
Orientação Religiosa 9 Ep	39,32	29,498	,226	,382
Orientação Religiosa 10 I	40,94	31,451	-,072	,485
Orientação Religiosa 11 Es	42,24	30,731	,171	,398
Orientação Religiosa 12 I	39,32	33,074	-,111	,460
Orientação Religiosa 13 Es	42,32	31,862	,145	,409
Orientação Religiosa 14 I	41,56	28,133	,188	,385

**Scale Statistics**

Mean	Variance	Std. Deviation	N of Items
43,59	32,795	5,727	14

**6 – Consistência Interna (coeficiente alfa): Escala de Orientação Religiosa-R, I/E-R (escalas):**

**Case Processing Summary**

		N	%
Cases	Valid	34	100,0
	Excluded <sup>a</sup>	0	,0
	Total	34	100,0

a. Listwise deletion based on all variables in the procedure.

**Reliability Statistics**

Cronbach's Alpha	Cronbach's Alpha Based on Standardized Items	N of Items
,521	,509	3

**Item Statistics**

	Mean	Std. Deviation	N
Experiência Intrínseca	28,44	2,904	34
Exp Extrínseca-social	4,32	1,736	34
Exp Extrínseca-pessoal	10,88	3,226	34

**Inter-Item Correlation Matrix**

	Experiência Intrínseca	Exp Extrínseca-social	Exp Extrínseca-pessoal
Experiência Intrínseca	1,000	,193	,429
Exp Extrínseca-social	,193	1,000	,148
Exp Extrínseca-pessoal	,429	,148	1,000

**Summary Item Statistics**

	Mean	Minimum	Maximum	Range	Maximum / Minimum	Variance	N of Items
Item Means	14,549	4,324	28,441	24,118	6,578	155,499	3
Item Variances	7,286	3,013	10,410	7,397	3,455	14,668	3
Inter-Item Correlations	,257	,148	,429	,282	2,907	,018	3

**Item-Total Statistics**

	Scale Mean if Item Deleted	Scale Variance if Item Deleted	Corrected Item-Total Correlation	Squared Multiple Correlation	Cronbach's Alpha if Item Deleted
Experiência Intrínseca	15,21	15,078	,443	,202	,219
Exp Extrínseca-social	39,32	26,892	,200	,042	,598
Exp Extrínseca- pessoal	32,76	13,398	,411	,189	,291

**Scale Statistics**

Mean	Variance	Std. Deviation	N of Items
43,65	33,508	5,789	3

## 7 – Estatística Descritiva e Frequências: Itens Bem-Estar Psicológico:

**Descriptive Statistics**

	N	Minimum	Maximum	Mean	Std. Deviation
Autonomia 1	34	1	6	5,00	1,348
Domínio Meio 2	34	1	6	4,68	1,571
Crescimento Pessoal 3	34	1	6	4,32	1,628
Relações Positivas 4	34	3	6	4,88	,913
Objectivos Vida 5	34	1	6	4,65	1,593
Aceitação Si 6	34	2	6	4,24	1,437
Autonomia 7	34	1	6	4,79	1,493
Domínio Meio 8	34	1	6	2,91	1,464
Valid N (listwise)	34				

**Statistics**

	N		Median	Mode	Percentiles		
	Valid	Missing			25	50	75
Autonomia 1	34	0	6,00	6	4,00	6,00	6,00
Domínio Meio 2	34	0	5,00	6	4,00	5,00	6,00
Crescimento Pessoal 3	34	0	5,00	6	3,00	5,00	6,00
Relações Positivas 4	34	0	5,00	5	4,00	5,00	6,00
Objectivos Vida 5	34	0	5,00	6	4,00	5,00	6,00
Aceitação Si 6	34	0	4,00	6	3,00	4,00	6,00
Autonomia 7	34	0	5,00	6	4,00	5,00	6,00
Domínio Meio 8	34	0	3,00	3	1,75	3,00	4,00

**Autonomia 1**

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid 1	1	2,9	2,9	2,9
2	1	2,9	2,9	5,9
3	3	8,8	8,8	14,7
4	5	14,7	14,7	29,4
5	6	17,6	17,6	47,1
6	18	52,9	52,9	100,0
Total	34	100,0	100,0	

**Domínio Meio 2**

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	1	2	5,9	5,9	5,9
	2	3	8,8	8,8	14,7
	3	2	5,9	5,9	20,6
	4	4	11,8	11,8	32,4
	5	9	26,5	26,5	58,8
	6	14	41,2	41,2	100,0
	Total	34	100,0	100,0	

**Crescimento Pessoal 3**

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	1	3	8,8	8,8	8,8
	2	3	8,8	8,8	17,6
	3	3	8,8	8,8	26,5
	4	6	17,6	17,6	44,1
	5	9	26,5	26,5	70,6
	6	10	29,4	29,4	100,0
	Total	34	100,0	100,0	

**Relações Positivas 4**

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	3	2	5,9	5,9	5,9
	4	10	29,4	29,4	35,3
	5	12	35,3	35,3	70,6
	6	10	29,4	29,4	100,0
	Total	34	100,0	100,0	

**Objectivos Vida 5**

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	1	2	5,9	5,9	5,9
	2	3	8,8	8,8	14,7
	3	2	5,9	5,9	20,6
	4	6	17,6	17,6	38,2
	5	6	17,6	17,6	55,9
	6	15	44,1	44,1	100,0
	Total	34	100,0	100,0	

**Aceitação Si 6**

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	2	5	14,7	14,7	14,7
	3	7	20,6	20,6	35,3
	4	6	17,6	17,6	52,9
	5	7	20,6	20,6	73,5
	6	9	26,5	26,5	100,0
	Total	34	100,0	100,0	

**Autonomia 7**

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	1	2	5,9	5,9	5,9
	2	2	5,9	5,9	11,8
	3	2	5,9	5,9	17,6
	4	3	8,8	8,8	26,5
	5	11	32,4	32,4	58,8
	6	14	41,2	41,2	100,0
	Total	34	100,0	100,0	

**Domínio Meio 8**

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	1	8	23,5	23,5	23,5
	2	4	11,8	11,8	35,3
	3	13	38,2	38,2	73,5
	4	2	5,9	5,9	79,4
	5	6	17,6	17,6	97,1
	6	1	2,9	2,9	100,0
	Total	34	100,0	100,0	

**8 – Consistência Interna (coeficiente alfa): Itens de Bem-Estar Psicológico (oito itens):**

**Case Processing Summary**

		N	%
Cases	Valid	34	100,0
	Excluded <sup>a</sup>	0	,0
	Total	34	100,0

a. Listwise deletion based on all variables in the procedure.

**Reliability Statistics**

Cronbach's Alpha	Cronbach's Alpha Based on Standardized Items	N of Items
,295	,334	8

**Summary Item Statistics**

	Mean	Minimum	Maximum	Range	Maximum / Minimum	Variance	N of Items
Item Means	4,434	2,912	5,000	2,088	1,717	,446	8
Item Variances	2,093	,834	2,650	1,816	3,176	,333	8
Inter-Item Correlations	,059	-,177	,512	,689	-2,886	,035	8

**Item-Total Statistics**

	Scale Mean if Item Deleted	Scale Variance if Item Deleted	Corrected Item-Total Correlation	Squared Multiple Correlation	Cronbach's Alpha if Item Deleted
Autonomia 1	30,47	21,226	-,039	,104	,346
Domínio Meio 2	30,79	19,138	,069	,173	,296
Crescimento Pessoal 3	31,15	20,553	-,044	,128	,367
Relações Positivas 4	30,59	19,340	,297	,348	,207
Objectivos Vida 5	30,82	17,907	,157	,412	,241
Aceitação Si 6	31,24	14,791	,516	,480	,009
Autonomia 7	30,68	18,286	,160	,205	,241
Domínio Meio 8	32,56	20,860	-,033	,083	,350

**Scale Statistics**

Mean	Variance	Std. Deviation	N of Items
35,47	22,560	4,750	8

**9 – Consistência Interna (coeficiente alfa): Itens de Bem-Estar Psicológico (seis itens):**

**Case Processing Summary**

		N	%
Cases	Valid	34	100,0
	Excluded <sup>a</sup>	0	,0
	Total	34	100,0

a. Listwise deletion based on all variables in the procedure.

**Reliability Statistics**

Cronbach's Alpha	Cronbach's Alpha Based on Standardized Items	N of Items
,389	,435	6

**Summary Item Statistics**

	Mean	Minimum	Maximum	Range	Maximum / Minimum	Variance	N of Items
Item Means	4,593	4,235	4,882	,647	1,153	,067	6
Item Variances	2,131	,834	2,650	1,816	3,176	,449	6
Inter-Item Correlations	,114	-,177	,512	,689	-2,886	,047	6

**Item-Total Statistics**

	Scale Mean if Item Deleted	Scale Variance if Item Deleted	Corrected Item-Total Correlation	Squared Multiple Correlation	Cronbach's Alpha if Item Deleted
Domínio Meio 2	22,88	15,501	,077	,139	,418
Crescimento Pessoal 3	23,24	16,488	-,016	,112	,482
Relações Positivas 4	22,68	15,922	,297	,347	,312
Objectivos Vida 5	22,91	14,992	,113	,389	,396
Aceitação Si 6	23,32	10,710	,654	,455	-,001 <sup>a</sup>
Autonomia 7	22,76	14,852	,160	,190	,362

a. The value is negative due to a negative average covariance among items. This violates reliability model assumptions. You may want to check item codings.

**Scale Statistics**

Mean	Variance	Std. Deviation	N of Items
27,56	18,921	4,350	6

**10 – Correlações (Spearman) entre os itens de Bem-Estar Psicológico e as escalas de Religiosidade (I/E-R):**

			Correlations									
			Domínio Meio 2	Crescimento Pessoal 3	Relações Positivas 4	Objectivos Vida 5	Aceitação Si 6	Autonomia 7	Experiência Intrínseca	Exp Extrínseca-social	Exp Extrínseca-pessoal	
Spearman's rho	Domínio Meio 2	Correlation Coefficient	1,000	,035	,068	-,206	,333	,095	-,043	,084	-,103	
		Sig. (2-tailed)		,846	,702	,242	,055	,593	,811	,638	,560	
		N	34	34	34	34	34	34	34	34	34	
	Crescimento Pessoal 3	Correlation Coefficient	,035	1,000	-,137	-,081	,161	,114	-,265	-,038	-,178	
		Sig. (2-tailed)	,846		,441	,647	,364	,520	,130	,833	,314	
		N	34	34	34	34	34	34	34	34	34	
	Relações Positivas 4	Correlation Coefficient	,068	-,137	1,000	,547*	,452*	,190	-,153	-,126	,226	
		Sig. (2-tailed)	,702	,441		,001	,007	,282	,387	,479	,198	
		N	34	34	34	34	34	34	34	34	34	
	Objectivos Vida 5	Correlation Coefficient	-,206	-,081	,547*	1,000	,389*	,012	,168	,041	,420*	
		Sig. (2-tailed)	,242	,647	,001		,023	,946	,344	,818	,013	
		N	34	34	34	34	34	34	34	34	34	
Aceitação Si 6	Correlation Coefficient	,333	,161	,452*	,389*	1,000	,368	-,150	,150	-,141		
	Sig. (2-tailed)	,055	,364	,007	,023		,032	,398	,397	,425		
	N	34	34	34	34	34	34	34	34	34		
Autonomia 7	Correlation Coefficient	,095	,114	,190	,012	,368	1,000	-,021	-,261	,030		
	Sig. (2-tailed)	,593	,520	,282	,946	,032		,906	,136	,865		
	N	34	34	34	34	34	34	34	34	34		
Experiência Intrínseca	Correlation Coefficient	-,043	-,265	-,153	,168	-,150	-,021	1,000	,262	,405*		
	Sig. (2-tailed)	,811	,130	,387	,344	,398	,906		,135	,018		
	N	34	34	34	34	34	34	34	34	34		
Exp Extrínseca-social	Correlation Coefficient	,084	-,038	-,126	,041	,150	-,261	,262	1,000	,075		
	Sig. (2-tailed)	,638	,833	,479	,818	,397	,136	,135		,674		
	N	34	34	34	34	34	34	34	34	34		
Exp Extrínseca-pessoal	Correlation Coefficient	-,103	-,178	,226	,420*	-,141	,030	,405*	,075	1,000		
	Sig. (2-tailed)	,560	,314	,198	,013	,425	,865	,018	,674			
	N	34	34	34	34	34	34	34	34	34		

\*\* . Correlation is significant at the 0.01 level (2-tailed).

\* . Correlation is significant at the 0.05 level (2-tailed).

**11 – Correlações (Spearman) entre a idade (em anos) e as escalas de Religiosidade (I/E-R):**

			<b>Correlations</b>			
			Experiência Intrínseca	Exp Extrínseca- social	Exp Extrínseca- pessoal	Idade em anos
Spearman's rho	Experiência Intrínseca	Correlation	1,000	,262	,405*	-,073
		Coefficient				
		Sig. (2-tailed)		,135	,018	,681
		N	34	34	34	34
	Exp Extrínseca- social	Correlation	,262	1,000	,075	,103
		Coefficient				
		Sig. (2-tailed)	,135		,674	,564
		N	34	34	34	34
	Exp Extrínseca- pessoal	Correlation	,405*	,075	1,000	,034
		Coefficient				
		Sig. (2-tailed)	,018	,674		,849
		N	34	34	34	34
	Idade em anos	Correlation	-,073	,103	,034	1,000
		Coefficient				
		Sig. (2-tailed)	,681	,564	,849	
		N	34	34	34	34

\*. Correlation is significant at the 0.05 level (2-tailed).

**12 – Correlações (Spearman) entre a frequência (temporal) de participação em cultos religiosos, o grau de importância atribuído à religião e as escalas de Religiosidade (I/E-R):**

**Correlations**

			Experiência Intrínseca	Exp Extrínseca- social	Exp Extrínseca- pessoal	Quest Exp Religiosa 8_1	Quest Exp Religiosa 11
Spearman's rho	Experiência Intrínseca	Correlation Coefficient	1,000	,262	,405*	,149	-,063
		Sig. (2- tailed)		,135	,018	,415	,724
		N	34	34	34	32	34
Exp Extrínseca- social	Exp Extrínseca- social	Correlation Coefficient	,262	1,000	,075	,303	-,030
		Sig. (2- tailed)	,135		,674	,092	,867
		N	34	34	34	32	34
Exp Extrínseca- pessoal	Exp Extrínseca- pessoal	Correlation Coefficient	,405*	,075	1,000	,256	-,106
		Sig. (2- tailed)	,018	,674		,158	,553
		N	34	34	34	32	34
Quest Exp Religiosa 8_1	Quest Exp Religiosa 8_1	Correlation Coefficient	,149	,303	,256	1,000	-,335
		Sig. (2- tailed)	,415	,092	,158		,061
		N	32	32	32	32	32
Quest Exp Religiosa 11	Quest Exp Religiosa 11	Correlation Coefficient	-,063	-,030	-,106	-,335	1,000
		Sig. (2- tailed)	,724	,867	,553	,061	
		N	34	34	34	32	34

\*. Correlation is significant at the 0.05 level (2-tailed).

**13 – Teste de Mann-Whitney relativo às diferenças entre Sexos, na pontuação dos itens de Bem-Estar Psicológico e das escalas de Religiosidade (I/E-R):**

<b>Ranks</b>				
	Sexo	N	Mean Rank	Sum of Ranks
Experiência Intrínseca	Masculino	9	17,83	160,50
	Feminino	25	17,38	434,50
	Total	34		
Exp Extrínseca-social	Masculino	9	21,28	191,50
	Feminino	25	16,14	403,50
	Total	34		
Exp Extrínseca-pessoal	Masculino	9	19,39	174,50
	Feminino	25	16,82	420,50
	Total	34		
Domínio Meio 2	Masculino	9	16,06	144,50
	Feminino	25	18,02	450,50
	Total	34		
Crescimento Pessoal 3	Masculino	9	17,33	156,00
	Feminino	25	17,56	439,00
	Total	34		
Relações Positivas 4	Masculino	9	14,83	133,50
	Feminino	25	18,46	461,50
	Total	34		
Objectivos Vida 5	Masculino	9	19,39	174,50
	Feminino	25	16,82	420,50
	Total	34		
Aceitação Si 6	Masculino	9	16,39	147,50
	Feminino	25	17,90	447,50
	Total	34		
Autonomia 7	Masculino	9	17,22	155,00
	Feminino	25	17,60	440,00
	Total	34		

Test Statistics<sup>b</sup>

	Experiência Intrínseca	Exp Extrínseca- social	Exp Extrínseca- pessoal	Domínio Meio 2	Crescimento Pessoal 3	Relações Positivas 4	Objectivos Vida 5	Aceitação Si 6	Autonomia 7
Mann-Whitney U	109,500	78,500	95,500	99,500	111,000	88,500	95,500	102,500	110,000
Wilcoxon W	434,500	403,500	420,500	144,500	156,000	133,500	420,500	147,500	155,000
Z	-,118	-1,385	-,668	-,532	-,060	-,984	-,698	-,399	-,103
Asymp. Sig. (2-tailed)	,906	,166	,504	,595	,952	,325	,485	,690	,918
Exact Sig. [2*(1-tailed Sig.)]	,908 <sup>a</sup>	,188 <sup>a</sup>	,514 <sup>a</sup>	,618 <sup>a</sup>	,969 <sup>a</sup>	,355 <sup>a</sup>	,514 <sup>a</sup>	,701 <sup>a</sup>	,939 <sup>a</sup>

a. Not corrected for ties.

b. Grouping Variable: Sexo

**14 – Teste de Mann-Whitney relativo às diferenças entre quem frequentou formação religiosa inicial (i.e. Catequese) e quem não frequentou, na pontuação das escalas de Religiosidade (I/E-R):**

**Ranks**

Quest Exp Religiosa 3_1		N	Mean Rank	Sum of Ranks
Experiência Intrínseca	Sim	27	16,83	454,50
	Não	7	20,07	140,50
	Total	34		
Exp Extrínseca-social	Sim	27	17,22	465,00
	Não	7	18,57	130,00
	Total	34		
Exp Extrínseca-pessoal	Sim	27	16,57	447,50
	Não	7	21,07	147,50
	Total	34		

**Test Statistics<sup>b</sup>**

	Experiência Intrínseca	Exp Extrínseca- social	Exp Extrínseca- pessoal
Mann-Whitney U	76,500	87,000	69,500
Wilcoxon W	454,500	465,000	447,500
Z	-,774	-,333	-1,073
Asymp. Sig. (2-tailed)	,439	,739	,283
Exact Sig. [2*(1-tailed Sig.)]	,452 <sup>a</sup>	,771 <sup>a</sup>	,294 <sup>a</sup>

a. Not corrected for ties.

b. Grouping Variable: Quest Exp Religiosa 3\_1

**15 – Teste de Mann-Whitney relativo às diferenças entre quem realiza o sacramento da Reconciliação/Confissão e quem não realiza, na pontuação das escalas de Religiosidade (I/E-R):**

**Ranks**

Quest Exp Religiosa 9		N	Mean Rank	Sum of Ranks
Experiência Intrínseca	Sim	26	17,00	442,00
	Não	8	19,13	153,00
	Total	34		
Exp Extrínseca-social	Sim	26	17,35	451,00
	Não	8	18,00	144,00
	Total	34		
Exp Extrínseca-pessoal	Sim	26	16,88	439,00
	Não	8	19,50	156,00
	Total	34		

**Test Statistics<sup>b</sup>**

	Experiência Intrínseca	Exp Extrínseca- social	Exp Extrínseca- pessoal
Mann-Whitney U	91,000	100,000	88,000
Wilcoxon W	442,000	451,000	439,000
Z	-,533	-,170	-,654
Asymp. Sig. (2-tailed)	,594	,865	,513
Exact Sig. [2*(1-tailed Sig.)]	,618 <sup>a</sup>	,889 <sup>a</sup>	,537 <sup>a</sup>

a. Not corrected for ties.

b. Grouping Variable: Quest Exp Religiosa 9

**16 – Teste de Mann-Whitney relativo às diferenças entre quem faz parte de movimentos ou obras paroquiais e quem não faz parte, na pontuação das escalas de Religiosidade (I/E-R):**

**Ranks**

Quest Exp Religiosa 10		N	Mean Rank	Sum of Ranks
Experiência Intrínseca	Sim	19	18,61	353,50
	Não	15	16,10	241,50
	Total	34		
Exp Extrínseca-social	Sim	19	18,05	343,00
	Não	15	16,80	252,00
	Total	34		
Exp Extrínseca-pessoal	Sim	19	17,08	324,50
	Não	15	18,03	270,50
	Total	34		

**Test Statistics<sup>b</sup>**

	Experiência Intrínseca	Exp Extrínseca- social	Exp Extrínseca- pessoal
Mann-Whitney U	121,500	132,000	134,500
Wilcoxon W	241,500	252,000	324,500
Z	-,735	-,380	-,280
Asymp. Sig. (2-tailed)	,462	,704	,780
Exact Sig. [2*(1-tailed Sig.)]	,471 <sup>a</sup>	,732 <sup>a</sup>	,784 <sup>a</sup>

a. Not corrected for ties.

b. Grouping Variable: Quest Exp Religiosa 10

**17 – Teste Exacto de Fisher relativo às diferenças entre Sexos, na frequência de participação em cultos em cultos religiosos:**

**Case Processing Summary**

	Cases					
	Valid		Missing		Total	
	N	Percent	N	Percent	N	Percent
Sexo * Quest Exp Religiosa 8_1	32	94,1%	2	5,9%	34	100,0%

**Sexo \* Quest Exp Religiosa 8\_1 Crosstabulation**

Count

		Quest Exp Religiosa 8_1			Total
		diária	semanal	Ocasional	
Sexo	masculino	4	1	3	8
	feminino	15	8	1	24
Total		19	9	4	32

**Symmetric Measures**

		Value	Asymp. Std. Error <sup>a</sup>	Approx. T <sup>b</sup>	Approx. Sig.
Nominal by Nominal	Phi	,448			,040
	Cramer's V	,448			,040
Interval by Interval	Pearson's R	-,347	,198	-2,027	,052 <sup>c</sup>
Ordinal by Ordinal	Spearman Correlation	-,210	,198	-1,175	,249 <sup>c</sup>
N of Valid Cases		32			

a. Not assuming the null hypothesis.

b. Using the asymptotic standard error assuming the null hypothesis.

**18 – Teste Exacto de Fisher relativo às diferenças entre Sexos, na frequência (temporal) de realização do sacramento da Reconciliação/Confissão:**

**Case Processing Summary**

	Cases					
	Valid		Missing		Total	
	N	Percent	N	Percent	N	Percent
Sexo * Quest Exp Religiosa 9_1	26	76,5%	8	23,5%	34	100,0%

**Sexo \* Quest Exp Religiosa 9\_1 Crosstabulation**

Count

		Quest Exp Religiosa 9_1				Total
		várias vezes/mês	uma vez/mês	várias vezes/ano	anual/festivo	
Sexo	masculino	1	2	2	0	5
	feminino	0	6	6	9	21
Total		1	8	8	9	26

**Symmetric Measures**

		Value	Asymp. Std. Error <sup>a</sup>	Approx. T <sup>b</sup>	Approx. Sig.
Nominal by Nominal	Phi	,507			,083
	Cramer's V	,507			,083
Interval by Interval	Pearson's R	,414	,151	2,227	,036 <sup>c</sup>
Ordinal by Ordinal	Spearman Correlation	,391	,147	2,078	,049 <sup>c</sup>
N of Valid Cases		26			

a. Not assuming the null hypothesis.

b. Using the asymptotic standard error assuming the null hypothesis.

c. Based on normal approximation.

**19 – Teste Exacto de Fisher relativo às diferenças entre Sexos, no grau de importância atribuído à religião:**

**Case Processing Summary**

	Cases					
	Valid		Missing		Total	
	N	Percent	N	Percent	N	Percent
Sexo * Quest Exp Religiosa 11	34	100,0%	0	,0%	34	100,0%

**Sexo \* Quest Exp Religiosa 11 Crosstabulation**

Count

		Quest Exp Religiosa 11				Total
		indiferente	pouco importante	importante	muito importante	
Sexo	masculino	1	2	2	4	9
	feminino	0	1	1	23	25
Total		1	3	3	27	34

**Symmetric Measures**

		Value	Asymp. Std. Error <sup>a</sup>	Approx. T <sup>b</sup>	Approx. Sig.
Nominal by Nominal	Phi	,533			,022
	Cramer's V	,533			,022
Interval by Interval	Pearson's R	,509	,154	3,347	,002 <sup>c</sup>
Ordinal by Ordinal	Spearman Correlation	,525	,168	3,486	,001 <sup>c</sup>
N of Valid Cases		34			

a. Not assuming the null hypothesis.

b. Using the asymptotic standard error assuming the null hypothesis.

c. Based on normal approximation.